

# OXIGÊNIO

SETEMBRO 2023



NÚMERO 49



BIENALSUR 2023

# EDITORIAL

## SETEMBRO E AS REVOLUÇÕES DA ARTE

Para os criadores da BIENALSUR, o evento cultural mais extenso do mundo – que, nesta edição, acontece em 28 países e em mais de 70 cidades ao redor do planeta, na considerável extensão de 18 mil quilômetros – *“a arte se revela como a melhor ferramenta para superar as fronteiras políticas e identitárias que colocam em tensão as relações internacionais.”*

Setembro marca o *start* brasileiro do evento: no dia 19, o CCBB Brasília inaugura *Signos na paisagem*, nossa matéria de capa e a primeira das ações da BIENALSUR no Brasil, que é um de seus principais anfitriões.

A mostra reúne obras de Rochelle Costi e Dias & Riedweg (Brasil); Gabriela Golder e Matilde Marín (Argentina); Stephanie Pommeret (França); Silvia Alejandra González Soca (Uruguai); Gabriela Bettini (Espanha); Sara Abdu, Zhara Al Ghamdi, Manal Aldowayan e Hatem Al Ahmad (Arábia Saudita). Os trabalhos problematizam a experiência de vida contemporânea e têm como chave, em sua maioria, a questão do meio ambiente.

Além de Brasília, a BIENALSUR passará por São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre, em diferentes espaços e com propostas variadas. Vale acompanhar, aqui na Oxiênio, um pouco da trajetória do evento.

Mas a arte tem muito mais pano pra manga, para os olhos e os sentidos, a partir deste mês. Entre as opções, *Angelo Venosa, escultor*, retrospectiva do artista na Casa Roberto Marinho, no Rio; a 13ª edição da ArtRio, na Marina da Glória, também no Rio; e *Big Bang Boca*, instalação inédita de Maria Nepomuceno, no Instituto Artium em Higienópolis, São Paulo. Tem, ainda, a primeira turnê pelo Brasil da companhia argentina Madero Tango.

Boa leitura e uma ótima viagem pelos passos da arte!

Foto de capa: Stephanie Pommeret, *Tous Migrants*

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone  
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato  
Colaboradora: Maurette Brandt

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | [oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com) | [www.oxigeniorevista.com](http://www.oxigeniorevista.com)  
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

# ÍNDICE

- 04 **OXIGENE:** Otavio Augusto comemora 60 anos de carreira com a peça “A Tropa” em São Paulo | *Final Fantasy* no Brasil | Madero Tango pela primeira vez no Brasil | Monólogo “Tráfico” volta ao Teatro Poeirinha, RJ | Grupo Sats faz temporada gratuita do espetáculo de dança “Lugar para guardar animais”, no Rio de Janeiro
- 14 **MATÉRIA DE CAPA:** Bienalsur 2023 – Signos na Paisagem
- 23 13ª edição da Feira de Arte do Rio de Janeiro
- 25 *Angelo Venosa, escultor*
- 29 “Sobre a Temperança Experimental” – Obras inéditas de José Damasceno na Artur Fidalgo Galeria, RJ
- 31 “La sangre nunca muere” de Herbert De Paz na Galeria Cassia Bomeny, RJ
- 35 Luiz Aquila – Em torno dos 80
- 38 “Big Bang Boca” – Maria Nepomuceno faz exposição inédita no Instituto Artium, SP
- 42 Com *Forrobodó*, Galeria A Gentil Carioca, no centro do Rio, comemora 20 anos
- 47 “Tijolo de Prata” – Rommulo Vieira Conceição abre individual em São Paulo, na Aura Galeria
- 49 *Cerimônia*, de Tania Candiani, na Galeria Vermelho, SP
- 53 Amelia Toledo – *O rio (e o voo) de Amelia no Rio*
- 57 Mostra fotográfica *Invisibilizados* de Marco Mota, no Plano Piloto, Brasília
- 59 Fotorio 2023 no Centro Cultural da Justiça Federal, Rio de Janeiro
- 63 *Estranha Forma de Vida*, de Pedro Almodóvar, estreia dia 14 nos cinemas
- 64 **DIRETO DE LONDRES:** Columbia Road – esplendor de sensações



Daniel Marano, Alexandre Menezes, Otavio Augusto, Alexandre Galindo e André Rosa

Foto: Philip Lavra e Isadora Relvas

## Otavio Augusto comemora 60 anos de carreira com a peça “A TROPA” em São Paulo

*Comédia dramática que rodou o país e ganhou prêmios discute diferentes pontos de vista sobre o Brasil. Temporada vai até outubro no Teatro Vivo*

Após sete temporadas de sucesso no Rio de Janeiro, o ator Otavio Augusto estreia “A Tropa” em São Paulo, no Teatro Vivo. O espetáculo ficará em cartaz até 8 de outubro, com sessões às quintas, sextas e sábados, às 20h, e aos domingos, às 18h.

Na peça, um pai doente recebe a visita de seus quatro filhos no hospital. O que seria apenas um encontro familiar se revela um acerto de contas, permeado de humor e revelações, tendo como pano de fundo os últimos 50 anos da história brasileira. O elenco tem ainda

Alexandre Menezes, Daniel Marano, Alexandre Galindo e André Rosa. A direção é de Cesar Augusto; o texto, de Gustavo Pinheiro.

Os filhos formam um mosaico da sociedade brasileira: um dentista militar aposentado que mora com o pai; um jovem usuário de drogas com passagens por clínicas de reabilitação; um empresário casado, pai de duas filhas, que trabalha numa empreiteira sob investigação por corrupção; e um jornalista que acaba de pedir demissão e passa por uma crise com a profissão. Os cinco vivenciam enfermidades ideológicas, sociais, afetivas e familiares. E seus embates e descobertas servem para discutir diferenças e tolerância.

Em cartaz desde 2016, *“A Tropa”* faz uma leitura perspicaz, sensível, ácida e bem humorada da sociedade brasileira. *“Estreamos no governo Dilma, atravessamos em cena o impeachment dela, o governo Temer, o governo Bolsonaro e agora estamos de volta a um governo de esquerda, com Lula. Não mexemos em uma vírgula do texto e ele se mantém mais atual do que nunca. É interessante e perturbador ao mesmo tempo”*, afirma o autor.

#### 60 ANOS DE CARREIRA DE OTAVIO AUGUSTO

*“A Tropa”* celebra os 60 anos de carreira de Otavio Augusto. Ele interpreta um ex-militar viúvo e autoritário que, no leito de hospital, vê as relações veladas da família serem descortinadas.

*“Tenho três famílias teatrais fundamentais: a primeira foi no começo da minha carreira, no Teatro Oficina, ao lado de Zé Celso, Renato Borghi, Itala Nandi, Othon Bastos, Miriam Mehler, fazendo espetáculos fantásticos; a segunda marca o grande encontro teatral da minha vida, com Fernanda (Montenegro) e Fernando (Torres), meus queridos amigos e parceiros de cena em grandes*

*sucessos como ‘O Interrogatório’ (1972), ‘O Amante de Madame Vidal’ (1973) e ‘Suburbano Coração’ (1989). Agora vivo o terceiro encontro vivo, desde 2016, com essa verdadeira família afetiva que se formou em torno de ‘A Tropa’.* afirma o ator.

#### SERVIÇO

##### Espetáculo *“A Tropa”*

Até 8 de outubro

Teatro VIVO

Av. Chucri Zaidan, 2460, Vila Cordeiro, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2239-1095

Ingressos: R\$ 100 (inteira) e R\$ 50 (meia)

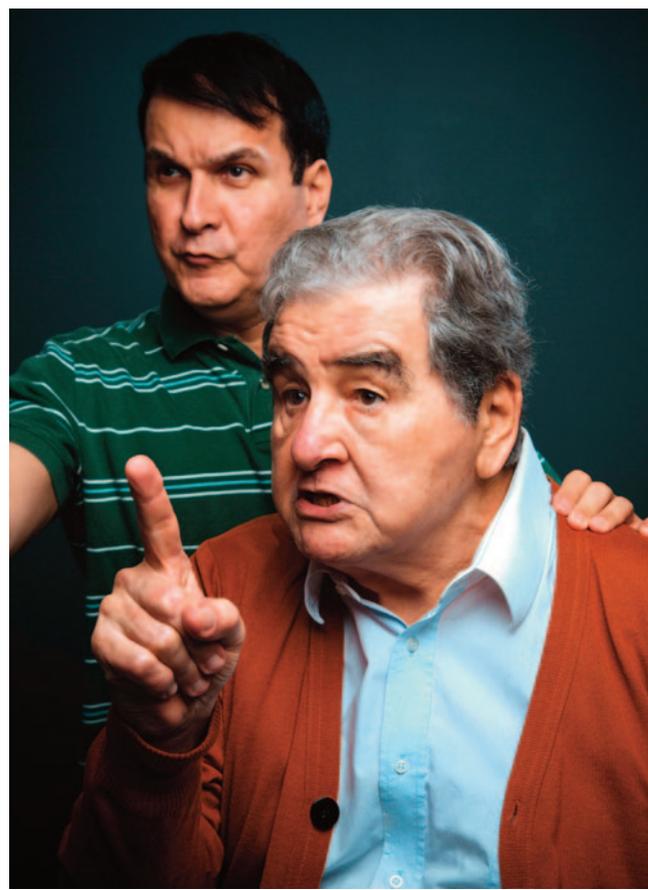
Classificação indicativa: 14 anos

Duração: 80 minutos

Vendas no site: [www.sympla.com.br](http://www.sympla.com.br)

Alexandre Menezes e Otavio Augusto

Foto: Philip Lavra e Isadora Relvas



# FINAL FANTASY NO BRASIL

*Com trilha sonora executada por orquestra sinfônica em São Paulo e no Rio de Janeiro, o espetáculo Distant Worlds: a música de FINAL FANTASY, sob direção do maestro Arnie Roth, passa pela capital paulista no dia 28 de setembro e pelo Rio de Janeiro no dia 1º de outubro*





Arnie Roth

Foto: Mark Hauser

Em uma experiência imersiva, *Distant Worlds: a música de FINAL FANTASY* chega ao Brasil com duas apresentações. A trilha sonora de *Final Fantasy*, icônica série de jogos japonesa, será apresentada com regência de Arnie Roth pela Orquestra Sinfônica Villa-Lobos, maestro vencedor do GRAMMY. Produzidas pela *AWR Music Productions*, as apresentações acontecem no dia 28 de setembro, no Espaço Unimed, em São Paulo; e no dia 1º de outubro, na Jeunesse Arena, Rio de Janeiro.

Lançado em 2007, em conjunto com o 20º aniversário de *Final Fantasy*, *Distant Worlds* apresenta a trilha sonora, criada pelo lendário compositor Nobuo Uematsu, da série de videogames celebrada em todo o mundo. O maestro escolhido para direcionar a atração é Arnie Roth, que ficou conhecido pelo seu trabalho com Uematsu ao longo de sua carreira. No Brasil, os instrumentistas responsáveis são da Orquestra Sinfônica Villa-Lobos, composta por 90 músicos e 32 coralistas.

A direção do projeto é de Sergio Murilo Carvalho, diretor da Conexão Cultural, empresa responsável por trazer ao Brasil o Video Games Live – iniciativa que reuniu renomados compositores do cenário mundial ao longo de 13 anos. Durante o espetáculo, vídeos em HD da Square Enix serão projetados em telões gigantes, gerando uma experiência imersiva para o público junto ao repertório clássico criado pelo *Final Fantasy* nos mais de 35 anos de existência da série.

## SERVIÇO

### *Distant Worlds: a música de FINAL FANTASY*

São Paulo – 28 de setembro

*Espaço Unimed*

Rua Tagipuru, 795, Barra Funda, Zona Oeste

*Horário:* Abertura da casa às 18h e show às 20h

*Valores:* R\$ 50 a R\$ 400

*Ingressos:* <https://www.ticket360.com.br/>

*Bilheteria oficial:* Espaço Unimed

*Horário de Funcionamento:* segunda-feira à sábado das 10h às 19h, exceto feriados

Rio de Janeiro – 1º de outubro

*Jeunesse Arena*

Av. Embaixador Abelardo Bueno, 3401, Barra da Tijuca

*Horário:* Abertura da casa às 18h e show às 20h

*Valores:* R\$ 50 a R\$ 300

*Ingressos:* <https://www.ticket360.com.br/>

*Bilheteria oficial:* Bilheteria Virtual da Jeunesse Arena

*Bilheteria virtual:* Somente cartão de crédito e pix

Para ativar a compra através do aplicativo, esteja no local no raio máximo de 500 metros (isento da taxa).



Foto: Divulgação

## MADERO TANGO PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL

*Tradicional companhia argentina, assistida por mais de 2,5 milhões de pessoas, faz shows em São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Rio de Janeiro*

Há mais de 20 anos em cartaz, o Madero Tango é atração turística indispensável em Buenos Aires, já assistida por mais de 2,5 milhões de pessoas. É praticamente impossível visitar a capital portenha sem passar uma noite embalada pelo ritmo argentino que traz no repertório clássicos como *"No llores por Mi Argentina"*, *"El Dia Que me Quieras"* e *"Mi Buenos Aires Querida"*, além de mais de 22 canções do folclore argentino e de autores consagrados como Astor Piazzolla e Carlos

Gardel. Agora, pela primeira vez, o Madero Tango bailará no Brasil, com o espetáculo *"Tango Bonito"*. Serão apresentações únicas, durante todo o mês de setembro, passando por São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Rio de Janeiro.

*"Esta é uma oportunidade empolgante para os amantes do tango no Brasil desfrutarem da magia e da paixão da Companhia. Nós nos destacamos como o*

*principal show de tango em Buenos Aires, com encenação de alta qualidade, música ao vivo e dançarinos talentosos, proporcionando uma experiência única, que cativa o público local e internacional", diz Nicolas Cobos, diretor artístico da companhia.*

No palco, cerca de 20 dançarinos apresentam uma dramatização de diferentes momentos cotidianos da vida em Buenos Aires, nos anos dourados do tango. Acompanhados ao vivo por piano, bandoneon, contrabaixo e dois violinos, percorrerem situações em bordéis e cortiços, propondo ao espectador, a partir da cenografia, da atuação, da dança e do canto, fazer parte dessa história tão marcante e popular que envolve o tango e o folclore argentinos.

Com idade média de 30 anos, os dançarinos argentinos exibem a paixão desse ritmo que empolga e pulsa na alma. *"O tango apresenta vários desafios quando se trata de dançar. A conexão com o parceiro, a manutenção de um abraço adequado e de uma boa postura, o domínio da técnica dos pés e das pernas, a interpretação correta da música e a improvisação são alguns dos aspectos mais difíceis",* ensina Paola Jean Jean, que também assina a direção artística do espetáculo.



## SERVIÇO

### Espectáculo *"Tango Bonito" – Madero Tango*

São Paulo – 1, 2 e 3 de setembro

*Teatro Liberdade* – Rua São Joaquim, 129, Liberdade  
 Horários: sex, às 21h, sáb, às 20h e dom, às 18h  
 Ingressos: R\$ 440 (plateia baixa), R\$ 275 (plateia alta e balcão A), R\$ 165 (balcão B)

Duração: 75 min | Classificação: Livre

Curitiba – 8, 9 e 10 de setembro

*Teatro Fernanda Montenegro* – Rua Cel. Dulcídio, 517 (Shopping Novo Batel)  
 Horários: sex, às 21h, sáb, às 20h e dom, às 18h  
 Ingressos: R\$ 440 (plateia baixa), R\$ 275 (plateia alta), R\$ 165 (balcão A)

Duração: 75 min | Classificação: Livre

Porto Alegre – 15, 16 e 17 de setembro

*Theatro São Pedro* – Praça Mal. Deodoro, s/n Centro Histórico  
 Horários: sex, às 21h, sáb, às 20h e dom, às 18h  
 Ingressos: R\$ 440 (plateia), R\$ 275 (camarotes), R\$ 165 (galerias)

Duração: 75 min | Classificação: Livre

Rio de Janeiro – 27, 28, 29 e 30 de setembro e 1º de outubro

*Teatro Claro Rio* – Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana  
 Horários: qua, qui e sex, às 21h, sáb, às 20h, e dom, às 18h  
 Ingressos: R\$ 440 (plateia), R\$ 275 (frisa e camarote), R\$ 165 (balcão)

Duração: 75 min | Classificação: Livre



Fotos: Divulgação



Robson Torinni

Foto: Callanga

## Monólogo “TRÁFICO” volta ao Teatro Poeirinha, RJ

*Indicado em cinco categorias dos prêmios APTR e Cesgranrio, o espetáculo tem texto do reverenciado autor uruguaio Sergio Blanco, direção de Victor Garcia Peralta e atuação de Robson Torinni, que vive um garoto de programa e matador de aluguel em seu segundo espetáculo do dramaturgo*

Na contramão das temporadas cada vez mais curtas nos teatros cariocas, o espetáculo “Tráfico” comemora 10 meses em cartaz, com lotação esgotada em todas as sessões. O monólogo agora volta ao Teatro Poeirinha, com sessões de quinta a sábado, às 20h, e aos domingos, às 19h. A peça foi indicada a cinco prêmios de teatro: Prêmio APTR – categorias *Melhor Ator* (Robson Torinni), *Melhor Iluminação* (Bernardo Lorga) e *Melhor Direção de Movimento* (Toni Rodrigues) – e

Prêmio Cesgranrio: *Melhor Ator* (Robson Torinni) e *Melhor Iluminação* (Bernardo Lorga). Em 2024, a peça irá participar dos festivais de Avignon, na França, e Edimburgo, na Escócia, um dos mais consagrados de artes cênicas do mundo.

“Tráfico”, que se desenrola a partir do entendimento da coexistência entre as pulsões de vida e de morte, foi idealizado pelo ator Robson Torinni, que entra em cena

como um garoto de programa que acaba se tornando um matador de aluguel diante da falta de oportunidades na vida. A montagem repete a bem-sucedida parceria entre autor, diretor e ator, depois de *“Tebas Land”* (2018), que fez temporadas premiadas no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A história acontece em uma cidade latino-americana, cheia de desigualdades, onde vive Alex, um jovem garoto de programa. Os problemas familiares, o relacionamento conturbado com a namorada e a vontade de vencer na vida, o levam para caminhos sedutores e também muito violentos. A partir de uma paixão, o texto revela as áreas mais sombrias da vida desse personagem que, paralelamente à sua profissão, se tornará um assassino de aluguel. Aos poucos, Alex vai se desnudando numa trama fascinante que mistura a narração dos seus encontros, dos seus sonhos e do seu dia a dia.

*“A peça fala sobre pessoas sem chances na vida, que acabam seguindo caminhos violentos. A história de Alex é a história de muitos no Brasil”,* afirma Victor Garcia Peralta. *“A peça tem despertado o interesse das pessoas porque propõe uma reflexão difícil, mas importante: a sociedade, responsável pela criação de grandes ‘monstros’, acaba descartando essas pessoas sem se conscientizar da própria culpa”,* comenta o produtor Sergio Saboya.

No espetáculo, Sergio Blanco investe mais uma vez na autoficção, gênero pelo qual ficou conhecido, misturando relatos reais com invenção, verdade e mentira. Trechos da vida do dramaturgo aparecem na criação de um professor universitário que leva seu nome, se envolve com Alex e ganha o apelido de *“o francês”*. É ele quem encoraja o garoto a entrar no mundo do crime.

Este é o primeiro trabalho solo de Robson Torinni.

*“Foi o próprio Sergio Blanco quem me mostrou o texto, sugerindo que eu montasse. O maior desafio deste projeto é não ter outro ator para trocar em cena. É a minha primeira experiência em um solo, então estou aprendendo a jogar com a plateia. O texto, que me emocionou desde a primeira leitura, toca em vários temas como desejo, sonho, criação, solidão, sexualidade, vício, separação, falta de esperança, beleza, traição e crime”.*

## SERVIÇO

### Espectáculo *Tráfico*

Até 29 de outubro

Teatro Poeirinha

Rua São João Batista, 104, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2537-8053

*Dias e horários:* quinta a sábado, às 20h, e domingo, às 19h

*Ingressos:* R\$ 60 (inteira) e R\$ 30 (meia-entrada)

*Lotação:* 50 pessoas

*Duração:* 1h10 minutos | *Classificação:* 18 anos

*Venda de ingressos:*

<https://bileto.sympla.com.br/event/85940>

Robson Torinni

Foto: Gabriel Nogueira



Grupo Sats  
faz temporada  
gratuita  
do espetáculo  
de dança  
“LUGAR  
PARA  
GUARDAR  
ANIMAIS”,  
no Rio  
de Janeiro

*A obra experimenta  
a dança em um território  
de ficção e resistência,  
propondo um ambiente  
de invenção e instabilidades  
para os espectadores*



Milena Codeço  
Foto: Igor Keller

Reconhecido pelo trabalho de pesquisa em dança nas ruas da cidade, o Grupo Sats volta ao espaço cênico com *“Lugar para guardar animais”*, reafirmando o palco como campo fértil que incita as mais diversas potências inventivas do corpo em condição de experimento. O espetáculo fará curta temporada no Rio de Janeiro, de 15 a 24 de setembro, no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, Humaitá; e de 29 de setembro a 1º de outubro, no Centro Coreográfico do Rio de Janeiro, Tijuca. Todas as apresentações serão gratuitas e terão o recurso de audiodescrição. Três oficinas gratuitas também serão oferecidas para profissionais e estudantes de dança, nos dias 16, 23 e 30 de setembro, das 10h às 13h. O projeto foi patrocinado pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, por meio do Fomento à Cultura Carioca.

*“Lugar para guardar animais”* reúne cinco intérpretes que corporificam um estado de potência bruta, evocada por individualidades e coletividades, experimentando disputas, ataques e parcerias. Nesta arena move-dição, a boca quer vocalizar os sons guardados no grave profundo do corpo, enquanto a pele intensifica-se como superfície profundamente vulnerável.

Idealizado por Rodrigo Gondim (que assina a direção) e por Deisi Margarida (que está em cena ao lado de Flora Bulcão, Juliana Angelo, Milena Codeço e Mika Makino), o trabalho procura ainda integrar espectador e espaço cênico como duas forças catalisadoras na proposição de um cenário imersivo. A peça acontece em uma instalação, com estrutura sonora e de luz que coloca o público como parte desse coliseu.

*“O espetáculo traz em sua raiz coreográfica uma tentativa de desarticlar formas e estruturas convencionais restritivas que tendem a formatar o corpo em dança como superfície de códigos anteriores”*, explica Deisi. *“Esse é o princípio norteador da pesquisa: nos aproxi-*

*marmos dos laços que conectam nossa animalidade sensível, atrelando-nos ao momento presente, mobilizando condições relacionais coletivas”*, completa Gondim.

As inscrições para as três edições da oficina *Poética Bruta* devem ser realizadas por meio de formulário disponibilizado no site da companhia [www.gruposats.com](http://www.gruposats.com).

## SERVIÇO

### Espectáculo de dança *Lugar para guardar animais*

Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto

Rua Humaitá, 163, Humaitá, Rio de Janeiro / RJ

*Datas:* 15 a 24 de setembro

*Dias e horários:* sexta e sábado, às 20h; domingo, às 19h

*Classificação:* 14 anos | *Duração:* 45 minutos

*Ingressos:* gratuitos

### Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro

R. José Higino, 115, Tijuca, Rio de Janeiro / RJ

*Datas:* 29, 30 de setembro e 1º de outubro

*Dias e horários:* sexta e sábado, às 19h; domingo, às 18h

*Classificação:* 14 anos | *Duração:* 45 minutos

*Ingressos:* gratuitos

### Oficina *Poética Bruta*,

para profissionais e estudantes de dança

*Inscrições:* de 4 a 8 de setembro. Formulário disponível

no site ([www.gruposats.com](http://www.gruposats.com)) e no Instagram ([@gruposats](https://www.instagram.com/gruposats))

*Dias e horários:* dias 16, 23 e 30 de setembro, das 10h às 13h

Gratuito

Foto: Igor Keller



# BIENALSUR 2023



Dias & Riedweg, *Silence* 2021

## SIGNOS NA PAISAGEM

*Primeira exposição da BIENALSUR 2023 no Brasil acontece no CCBB Brasília, com trabalhos que propõem a necessidade de uma reflexão sobre como o planeta vem sendo modificado. A mostra, que reúne obras de artistas do Brasil, Argentina, Uruguai, Espanha, França e Arábia Saudita, aumenta a rede colaborativa da BIENALSUR no Brasil: as unidades do CCBB Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro somam-se à Fundação Getúlio Vargas (RJ) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O evento cultural mais extenso do mundo ocorre em 28 países e mais de 70 cidades ao redor do mundo, nos cinco continentes*

Fiel ao objetivo de ser uma bienal diferente – descentralizada, democrática, horizontal e humanista, que aborda os temas do mundo de hoje –, a BIENALSUR 2023 segue reivindicando o direito à cultura e à diversidade, com exposições e ações focadas em questões ambientais, perspectiva de gênero, construção de narrativas, “fake news” e democracia.

*“Uma das premissas do trabalho da BIENALSUR é sondar o cenário artístico internacional por meio de uma convocação aberta, gratuita e horizontal, realizada a cada edição. Desta convocatória surgem os principais temas sobre os quais trabalhamos, bem como projetos de artistas de diferentes áreas culturais, que são selecionados para integrar as exposições e intervenções re-*

Rochelle Costi, *série Casa & Jardim*, 2020 / 2021





Gabriela Golder, *still* do vídeo *Scorched Earth*, 2015

*alizadas simultaneamente ao redor do mundo”, explica Diana Wechsler, Diretora Artística da BIENALSUR.*

*Signos na Paisagem*, primeira exposição dessa edição no Brasil, reúne obras de Rochelle Costi e Dias & Riedweg (BRA); Gabriela Golder e Matilde Marín (ARG); Stephanie Pommeret (FRA); Silvia Alejandra González Soca (URY); Gabriela Bettini (ESP); Sara Abdu, Zhara Al Ghamdi, Manal Aldowayan e Hatem Al Ahmad (SAU). Os trabalhos problematizam a experiência de vida contemporânea e têm como chave, em sua maioria, a questão do meio ambiente.

*“De diferentes maneiras, nosso olhar sobre o ambiente natural – antes identificado entre as disciplinas artísticas convencionais simplesmente como paisagem – é ur-*

*gente e exige atenção. Há séculos sabemos que as sociedades humanas vêm modificando a natureza por meio da extração de recursos, o que gera um grande impacto no planeta”, afirma Diana Wechsler.*

Em paralelo, Aníbal Jozami, Diretor Geral da BIENALSUR salienta que *“em diálogo com essas questões, a memória de formas recentes – ou não tão recentes – de autoritarismo ressoa nas reflexões dos artistas como um alerta e um convite à construção de um humanismo contemporâneo que acolha as diversidades e seja inclusivo, democrático e ambientalmente consciente”.*

Água, ar, terra, fogo, – os quatro elementos – estão presentes no espaço através dos seus sons, da singularidade dos seus movimentos e das suas formas. O ter-

ritório está presente no fluxo de olhares de artistas de diferentes origens sobre um cenário natural que resiste, luta, renasce...

### A EXPOSIÇÃO, por Diana Wechsler

A observação do ambiente durante o período de isolamento social, entre 2020 e 2021, em meio à pandemia, foi o gatilho para a criação a série *Casa & Jardim*, de **Rochelle Costi** (BRA). As fotos de Jardim, selecionadas para esta exposição, registram os insetos encontrados na área externa de sua casa/ateliê. A obra não resulta apenas da observação, mas da provocação da artista ao incorporar placas plásticas com relevo à "paisagem" do jardim doméstico: ao construir uma topografia para imitar a natureza, Rochelle causa atração e estranhamento aos insetos, alterando seus comportamentos habituais. A série mostra o contraponto que a comunidade global sofria naqueles tempos em que cotidianos e paisagens eram alterados.

Numa estreita linha de reflexão, o trabalho de **Dias & Riedweg** (BRA), *Silence* – uma série de 16 fotografias digitais – observa os vestígios no meio urbano e opta por um tratamento formal das fotos em que se retiram

volume e cor, restando apenas as linhas, aproximando-se da imagem de uma água-forte. Essa estratégia escolhida para desafiar o olhar é um convite a descobrir, através dos pequenos detalhes, a anomalia, o estranho, o que é estranho a uma narrativa visual convencional. Com estas imagens captadas em 2020, observa-se a questão do risco latente e o alerta de que algo se perdeu.

Mas os vestígios e as perdas atravessam outros trabalhos e vão além dos períodos de estranhamento dos últimos anos. Em *Scorched Earth*, vídeo feito no Cerro Mariposa (Valparaíso, Chile), **Gabriela Golder** (ARG) exhibe a área devastada por um incêndio, onde casas e fauna foram queimadas “*como se o mundo fosse acabar*”, aponta uma testemunha do local, que narra a tragédia: “*Às 4 da tarde de sábado, dia 12 de abril, dois pássaros pousaram em um cabo de rede elétrica. O vento, que era muito forte, sacudia aqueles cabos. Eles os eletrocutaram. Faíscas saltaram para o chão, voaram pela grama. O fogo havia começado. O vento sul fez com que ganhasse força. A terra foi queimada.*” A convivência entre as intervenções humanas e a natureza expõe suas tensões e aflora a sensação de saturação, de fim do mundo.

Matilde Marín, série *Temas sobre a paisagem*, 2010



De uma perspectiva diferente, as grandes fotografias paisagísticas de **Matilde Marín** (ARG), na sua série de *Temas sobre a paisagem*, captam a sensação de infinito experimentada naqueles espaços, criando bandas de atmosferas inesgotáveis, linhas e fugas de luz, que se tornam imagens cativantes de um momento efêmero que recupera o conceito de beleza na paisagem e seus limites. O ponto de vista escolhido pela artista é, ao mesmo tempo, sua marca registrada e a marca de sua presença latente.

**Gabriela Bettini** (ESP) traz para a mostra paisagens brasileiras, realizadas a partir das obras de Frans Post – pintor barroco holandês que trabalhou as paisagens do Brasil e levou-as para a Europa. A artista é conhecida por suas pinturas hiper-reais, que se aproximam da estética da fotografia de arquivo. A memória pictórica de Bettini, rica em referências visuais, resulta em obras que não apenas remetem à questão colonial, mas também às disputas identitárias que ocorreram e ocorrem nestes espaços lidos *a priori* como “paradisíacos”.



**Hatem Al Ahmad** (SAU), por sua vez, desenvolve em seu vídeo performance *To Speak in Synergy*, juntamente com os membros da comunidade Abha (SAU), uma prática milenar de cuidar das árvores – algo como um ritual que reconecta o tempo e as boas práticas de convivência com o ambiente natural. O artista saudita recupera uma antiga técnica de cuidado que tende a fornecer certos elementos à árvore em seus processos vitais, ao mesmo tempo em que contribui para sua proteção contra mudanças de temperatura ou alguns insetos, por exemplo. Assim, a ação artística é oferecida como uma reconexão com o meio ambiente e com a tradição. “*O prolongado senso de temporalidade da performance oferece um reconhecimento das histórias e dos corpos que fizeram e habitaram o passado, bem como a racionalidade de nossos futuros*”, diz o artista.

A questão das relações com os recursos do passado, do tempo e das formas como eles nos questionam aparece reinterpretada como uma paisagem ficcional na obra de **Zara Alghamdi** (SAU), *Echo of the past*, uma instalação com seiscentas peças de blocos de areia e argila que procura exprimir, através da recuperação de antigas técnicas de construção, o modo como o tempo afeta a existência. As fissuras visíveis nesta orografia imaginária estariam a revelar o colapso dos arquétipos tradicionais – ou, pelo menos, a colocar as tradições vernáculas ancestrais em tensão com um presente que as altera.

Gabriela Bettini,  
*Pernambuco*, 2018  
Foto: Divulgação



Hatem Al Ahmad, *still* do vídeo performance *To Speak in Synergy*, 2022



Zara Alghamdi, *Echo of the past*

Foto: Divulgação

Numa dimensão diferente, a instalação *Moebius*, de **Silvia Alejandra Gonzalez Soca** (URY), pretende “cultivar o vazio”. Nela, dois tempos de um mesmo rosto coe-xistem, para gerar uma matriz de eventos na qual a germinação e a ação performativa modificam constantemente a peça – e, portanto, as relações possíveis com ela. *Moebius*, segundo a artista, “aspira gerar um espaço quase ritual, que interroga a ideia de sujeito autoconsciente e autoconfiante, a partir de uma vulnerabilidade assumida e oferecida. Um evento cíclico e efêmero, no qual o que acontece, de alguma forma, evidencia a distância mínima entre os processos de construção e de destruição”.

**Stéphanie Pommeret** (FRA), em sua série de fotografias *Tous Migrants*, desenvolve uma possível síntese poética que explora as maneiras pelas quais nos relacionamos como “migrantes” com o nosso ambiente. O projeto, realizado na reserva natural da baía de Saint-Brieuc, levou-a a uma longa observação, que resultou nesta operação de apropriação das fotografias naturalistas de Alain Ponsero. Combinadas com as suas próprias imagens, “servem para reivindicar a hospitalidade como o único ambiente que favorece o futuro de nossa espécie”, revela a artista.



Silvia Alejandra  
Gonzalez Soca,  
*Moebius*  
Foto: Divulgação

**Sara Abdu (SAU)**, em *Anatomy Of Remembrance*, oferece um conjunto de paisagens imaginárias que decorrem do seu interesse em explorar as qualidades indicativas de outros sentidos, além da visão. A partir das memórias olfativas, a artista resgata seu imediatismo para evocar uma imagem mental do passado e de suas emoções, dando origem a essas cartografias psicogeográficas suspensas, com as quais Abdu explora o lugar ou "loci" da memória dentro de nós – e evoca um ambiente particular, ao confrontar essas topografias do passado.

**Manal Al Dowayan (SAU)** recupera técnicas e práticas artísticas tradicionais, com as quais revela a situação atual do panorama saudita – em que as mudanças e a exploração de passados diversos andam de mãos dadas. Nas palavras da artista, trata-se de um momento de dilema. *"Agora podemos nos relacionar com nossos ancestrais pré-islâmicos e reconhecer uma conexão com os antigos egípcios, nabateus, mesopotâmicos e assírios. Antes, a narrativa sempre se concentrava no Islã. Atualmente o país enfrenta uma grande reavaliação histórica e social"*. Nesta perspectiva, nas duas



Stéphanie Pommeret  
*Tous Migrants*



Sara Abdu, *Anatomy Of Remembrance*

Foto: Divulgação

peças da sua série *The Emerging*, recria personagens/ paisagens emergentes em corpos têxteis que, feitos com técnicas e materiais tradicionais e intervencionados com acrílico, oferecem uma perspectiva simbólica dessa tensão entre tempos em que o impacto sobre os sujeitos, corpos e paisagens tornam-se visíveis.

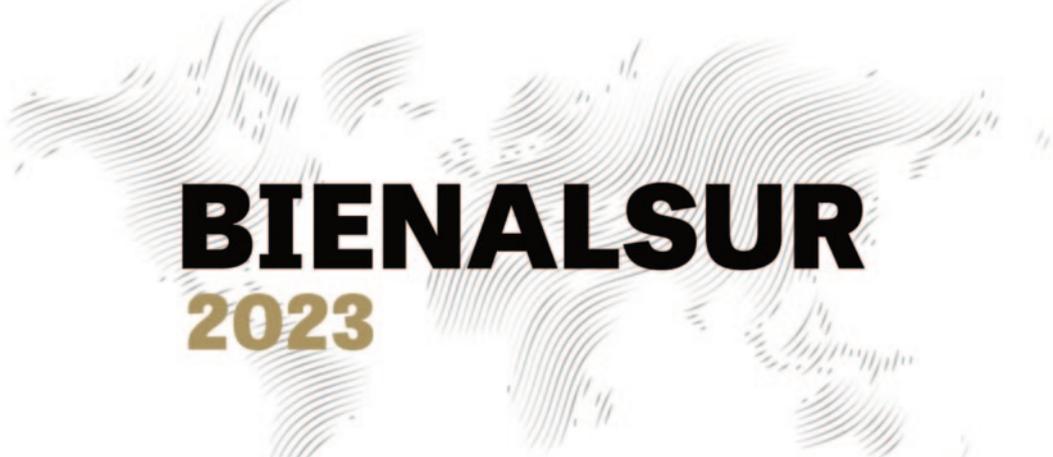
## BIENALSUR

Uma ampla proposta de arte, cultura e pensamento contemporâneo que rompe com a ideia de geografia estabelecida, ao criar uma grande rede de unidades autônomas em torno do evento, que tem o quilômetro zero no Museu da Imigração, Buenos Aires, e se estende a mais de 18 mil km, até Tóquio, Japão, na Universidade Nacional de Belas Artes e Música. Criada pela Universidade Nacional

Manal Al Dowayan  
*The Emerging*, 2022

Foto: Divulgação





# BIENALSUR

## 2023

de Tres de Febrero (UNTREF), na capital argentina, nasceu com o propósito de buscar outras dinâmicas para a arte e para a cultura, fazendo chamadas abertas a curadores e artistas de todo o mundo, sem temas pré-determinados.

Com mostras que serão inauguradas progressivamente em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, o Brasil é um dos grandes anfitriões da 4ª BIENALSUR, o evento cultural mais longo do mundo. A exposição inaugural ocorreu em 1º de julho no MAR, Museo de Arte Contemporáneo de Buenos Aires, Argentina, e essa edição terá exposições e ações até o primeiro semestre de 2024.

No Brasil, além das unidades do CCBB Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro – com a mostra itinerante *Signos na Paisagem* – a BIENALSUR está na Fundação Getúlio Vargas, na Casa França-Brasil e no Solar dos Abacaxis, no Rio de Janeiro, e também na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Pela primeira vez, conta com a participação de Argélia, Croácia, Guatemala, Líbano, República Dominicana, Noruega, Senegal, Tunísia e Turquia, chegando a mais de 70 cidades em 28 países dos cinco continentes, com base na convicção de que a cultura é um direito.

*“É a primeira vez na história que tantas comunidades se unem por meio de um evento cultural. A BIENALSUR*

*prova que a arte é a melhor ferramenta para superar as fronteiras políticas e identitárias que colocam em tensão as relações internacionais”,* comenta Aníbal Jozami, sociólogo que idealizou a BIENALSUR junto com a historiadora e curadora Diana Wechsler. Ambos são acadêmicos – respectivamente Reitor Emérito e Vice-Reitora da Universidade Nacional de Tres de Febrero, universidade pública da Argentina.

A primeira edição do evento foi realizada em 2017, com a participação de mais de 400 artistas em pelo menos 80 espaços, em 34 cidades de 16 países. Em 2019 o mapa foi ampliado para 112 áreas em 47 cidades de 21 países; em 2021, apesar da pandemia, aconteceu em 120 locais, em 48 cidades de 24 países da América, da Ásia e da Europa. Mais de 1.800 artistas de todo o mundo participaram das três primeiras edições do evento.

### SERVIÇO

#### **Bienalsur 2023 – Exposição *Signos na Paisagem***

De 19 de setembro a 5 de novembro

CCBB Brasília

SCES, Trecho 02, Lote 22, Brasília / DF

Tel.: (61) 3108- 7600

Aberto ao público de terça-feira a domingo, das 09h às 21h

Entrada gratuita

Informações:

E-mail: [ccbpdf@bb.com.br](mailto:ccbpdf@bb.com.br)

Site: <https://cbb.com.br/brasil>



13-17 | 09 | 2023  
MARINA DA GLÓRIA

## 13<sup>a</sup> EDIÇÃO DA FEIRA DE ARTE DO RIO DE JANEIRO

Fundada em 2011, a ArtRio é reconhecida como um dos mais relevantes eventos do calendário das artes. A décima terceira edição da Feira de Arte do Rio de Janeiro acontece entre os dias 13 e 17 de setembro, na Marina da Glória, trazendo mais conteúdo em uma área 25% maior em relação ao ano anterior.

Seguindo o cenário global de discussão e atitudes focadas em sustentabilidade e conscientização sobre o tema, o evento também terá uma série de ações voltadas para a redução de seu impacto.

Desde sua primeira edição, a feira promove um calendário de ações ao longo de todo o ano, levando conhecimento e o contato com a arte a diferentes audiências, tanto incentivando a visita de museus, galerias e instituições como também realizando atividades educativas e culturais em espaços diversos. Com esse

pensamento, a ArtRio estimula o mercado, seus agentes, promove debates, incentiva o colecionismo e a formação de públicos.

*“Chegamos em 2023 olhando para o futuro – e o que esperamos para nossa sociedade e nosso planeta. Através da arte e de nossas ações, queremos participar de forma eficaz e efetiva das mudanças e novas atitudes que serão necessárias. Os movimentos artísticos sempre desempenharam um importante papel como impulsionador de mudanças e também como agregador, e entendo que a ArtRio tem posição importante ao dar visibilidade para essas questões”,* posiciona Brenda Valansi, presidente da ArtRio.

A organização já tem a confirmação de mais de 100 colecionadores e curadores convidados, de fora do Rio de Janeiro, que estarão presentes na feira, incluindo

visitantes de países como Estados Unidos, Panamá, Suíça, Paraguai, Espanha, Peru, Dinamarca, França, Turquia, Bélgica e Itália. A programação compreende ainda visitas a museus e instituições, galerias, ateliês e coleções privadas.

O Comitê Curatorial da ArtRio 2023, responsável pela seleção das galerias participantes dos programas VISTA e PANORAMA, foi formado pelos galeristas Alexandre Roesler (Galeria Nara Roesler), Antonia Bergamin (Galeria Galatea), Filipe Masini e Eduardo Masini (Galeria Athena), Gustavo Rebello (Gustavo Rebello Arte), e Juliana Cintra (Silvia Cintra + Box 4). As galerias que compõem o programa SOLO foram convidadas pelo curador do projeto, Ademar Britto.

No primeiro dia da feira, serão apresentados os vencedores do Prêmio FOCO. A ArtRio 2023 terá ainda o programa SOLO, com galerias trazendo projetos desenvolvidos por um único artista, e o EXPANSÃO, que se de-

dica à valorização e apoio às instituições que desenvolvem trabalhos utilizando a arte como inclusão social.

## SERVIÇO

### ArtRio 2023

*Marina da Glória*

Av. Infante Dom Henrique, S/N – Glória, Rio de Janeiro / RJ

*Horários:*

Quarta, 13 de setembro | Preview: 14h – 21h

Quinta, 14, Sexta, 15 e Sábado, 16 de setembro: 14h – 21h

Domingo, 17 de setembro: 14h – 20h

*Ingressos:* [artrio.com/tickets](https://artrio.com/tickets)

R\$ 80,00 (inteira) / R\$ 40,00 (meia)

Não há agendamento de horário.

*Informações importantes:*

A Marina da Glória dispõe de estacionamento no local, sujeito a lotação, e de bicicletário.

Não é permitida a entrada de animais no local do evento.

Consulte o FAQ para maiores informações.

Atendimento ao público:

Contato | [contato@artrio.com](mailto:contato@artrio.com)

Bilheteria | [bilheteria@artrio.com](mailto:bilheteria@artrio.com)

Fotos: Site do evento / Reprodução



# Angelo Venosa, escultor

*Instituto Casa Roberto Marinho apresenta mostra panorâmica em torno da obra de um dos maiores expoentes da arte contemporânea brasileira. Curadoria de Paulo Venancio Filho reúne 85 esculturas de aproximadamente 50 anos de produção do artista*

Um mergulho na obra de um dos nomes mais importantes da arte contemporânea brasileira é o que espera o visitante de *Angelo Venosa, escultor*, mostra panorâmica na Casa Roberto Marinho. Sob a curadoria de Paulo Venancio Filho, a individual ocupa os 1.200m<sup>2</sup> de área expositiva do instituto cultural no Cosme Velho, Zona Sul do Rio de Janeiro, reunindo 85 trabalhos de um arco temporal que vai do início da década de 1970 às últimas obras realizadas em 2021.

De acordo com o curador, que acompanhou a trajetória artística de Angelo Venosa (São Paulo, 1954-Rio de Janeiro, 2022) desde o início, a exposição apresenta um amplo panorama de sua produção absolutamente singular. E revela a complexidade de seu pensamento escultórico expresso em obras de grandes dimensões ou de pequeno formato, construídas a partir da diversa gama de materiais que caracteriza seu processo criativo.

*“A carreira do Angelo surge quando a pintura volta a tomar proeminência no ambiente artístico brasileiro e vários de seus amigos eram pintores da chamada ‘Geração 80’. O fato é que ele foi o único, senão o mais importante, escultor dessa geração. E teve pouca influência das experiências neoconcretas tridimensionais que privilegiavam o plano e não o volume. Ele se voltou*

*de maneira absolutamente heterodoxa para as características clássicas da escultura; o volume, a massa, o peso. Suas primeiras obras, resultado de uma artesanaria própria e quase rústica, enfatizavam o volume, a presença física entre uma forma abstrata ou representação de uma entidade orgânica”, analisa Paulo Venancio.*



*Sem título, 1998*

Foto: Divulgação

Sem obedecer a uma cronologia linear, o curador selecionou esculturas suspensas, de parede ou de chão. As peças serpenteiam pelo espaço, emergem horizontalmente ou exploram a verticalidade, incorporando luz e sombra como parte do projeto, e revelam uma inusitada investigação da estrutura e da forma.



Sem título, 2018

Foto: Cortesia Galeria Nara Roesler

*“Fiz questão de colocar, lado a lado, trabalhos de diferentes períodos, tamanhos e volumes. Cada sala tem uma unidade que se comunica com o todo. A proposta é apresentar o conjunto com certa liberdade, sem pautá-lo por eixos temáticos, deixando que o espectador encontre suas próprias referências a partir da multiplicidade de significados e inquietações que as obras evocam”,* informa Venancio Filho.

A radicalidade experimental que marca a produção de Venosa manifesta-se em cada trabalho. Em sua poética, materiais recorrentes à prática da escultura tradicional, como o bronze, o mármore, o aço e a madeira, se fun-

dem a ossos, dentes de boi, piche, areia, cera de abelha, bandagem, filamentos de café, galho de árvore, breu, fibra de vidro, gesso, tecido e arame.

Apesar do aspecto eminentemente artesanal de sua obra, o escultor sempre esteve atento às tecnologias digitais e, a partir de um determinado período, incorporou a impressora 3D à sua prática, sem deixar de lado os meios tradicionais. Sobre esta fase, Paulo Venancio Filho escreveu, em 2013, no texto *“A metamorfose dos corpos”*:

*“Ficaram para trás as reminiscências do orgânico... É como se a escultura tivesse abandonado um período, um estágio do vertebrado para o seriado, do orgânico para o sintético. Do ateliê para o laboratório, um salto ‘evolutivo’ acompanha o andamento tecnológico do mundo. O acrílico, o recorte computadorizado do material, o seu ordenamento mecânico, preciso, irretocável, dos produtos em série”.*

A panorâmica apresenta os trabalhos negros do início da carreira – estruturados a partir de madeira, tecido e tinta – em diálogo com a produção recente, estabelecendo relações plásticas entre as peças. Um autorretrato em xilogravura, de 1972, é a obra mais antiga em exibição. No térreo, há um espaço dedicado aos desenhos, anotações e esboços do artista que tinha grande fluência no traço. Completa a seleção uma série de retratos em acrílica sobre papel produzida por Luiz Zerbini, grande amigo de Venosa. A mostra contempla, ainda, uma cronologia ampliada organizada por Ileana Pradilla Ceron.



*Sem título, 2021*

Foto: Cortesia Galeria Nara Roesler

## ANGELO VENOSA | SOBRE O ARTISTA

Angelo Augusto Venosa nasceu em São Paulo, em 1954. Na infância, suas primeiras referências sobre questões relativas à forma e ao fazer provêm das construções em madeira que seu pai projeta e realiza para os cenários no Clube Paulistano, e das modelagens e costuras elaboradas por sua mãe. Em 1973 Angelo frequentou a Escola Brasil, espaço experimental de ensino de arte. No ano seguinte, transferiu-se para o Rio de Janeiro, cidade que elegeu para morar até o fim da vida, para estudar na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ). Gradua-se bacharel em desenho industrial em 1977.

Desenvolvidos em seu ateliê no bairro do Jardim Botânico, seus trabalhos em madeira, envoltos por tecido, resina e fibra de vidro, ou compostos por cera de abelha e dentes, evocam volumes incomuns, fundando uma temporalidade ambígua e emanando

referências a eras ancestrais. Essa sensação se amplia pela tensão entre as formas e os materiais empregados.

## SERVIÇO

### Exposição *Angelo Venosa, Escultor*

Até 12 de novembro

*Instituto Casa Roberto Marinho*

Rua Cosme Velho, nº 1105, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3298-9449

*Visitação:* terça a domingo, das 12h às 18h

Ingressos à venda exclusivamente na bilheteria:

R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)

Às quartas-feiras, a entrada é franca para todos os públicos. Aos domingos, "ingresso família" a R\$ 10 para grupos de quatro pessoas.

A Casa Roberto Marinho respeita todas as gratuidades previstas por lei e é acessível a pessoas com deficiência física. Estacionamento gratuito para visitantes, em frente ao local, com capacidade para 30 carros.



José Damasceno, tapeçaria *A leitora e o acaso*, 2023

Foto: Divulgação

“SOBRE A TEMPERANÇA EXPERIMENTAL”  
Obras inéditas de José Damasceno,  
na Artur Fidalgo Galeria, RJ

Trabalhos inéditos de José Damasceno, realizados em 2023, compõem a exposição que permanecerá até o dia 22 de setembro na Arthur Fidalgo Galeria, em Copacabana. As obras trazem o desenvolvimento das pesquisas e investigações do artista sobre os limites da escultura, objeto e instalação, além de *Solve* – uma série de seis trabalhos híbridos — entre pintura, desenho e grafite.

Em sua terceira individual na galeria, Damasceno propõe o contato direto com um enunciado misterioso e instigante através da relação entre as peças e suas múltiplas leituras: cerâmicas, esculturas, objeto, instalação e pintura.

A palavra e a virtude da “temperança” — a tentativa de harmonização de contrários e a capacidade de modular polos incongruentes associada à ideia da prática experimental — produzem várias possibilidades, indagações e hipóteses que acompanham a trajetória do artista, sempre disposto a desafiar convenções e métodos na eterna busca de sentido.

### **SOBRE O ARTISTA**

José Damasceno é escultor e desenvolve suas obras desde o início dos anos 1990. Foi contemplado com diversos prêmios ao longo de sua trajetória artística e participou da 25ª Bienal de São Paulo, das 51ª e 52ª edições da Bienal de Veneza, da 15ª Bienal de Sydney e da 4ª Bienal do Mercosul. Seu trabalho está nas coleções do Museum of Modern Art – MoMA (EUA); da Cisneros Fontanal Art Foundation (EUA); Daros Foun-

dation (Suíça); Museo de Arte Contemporaneo de Barcelona – MACBA (Espanha); Instituto Inhotim (Brasil); Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e de São Paulo (Brasil); entre outras importantes coleções públicas e particulares.

### **SERVIÇO**

**Exposição “*Sobre a temperança experimental*”  
de José Damasceno**

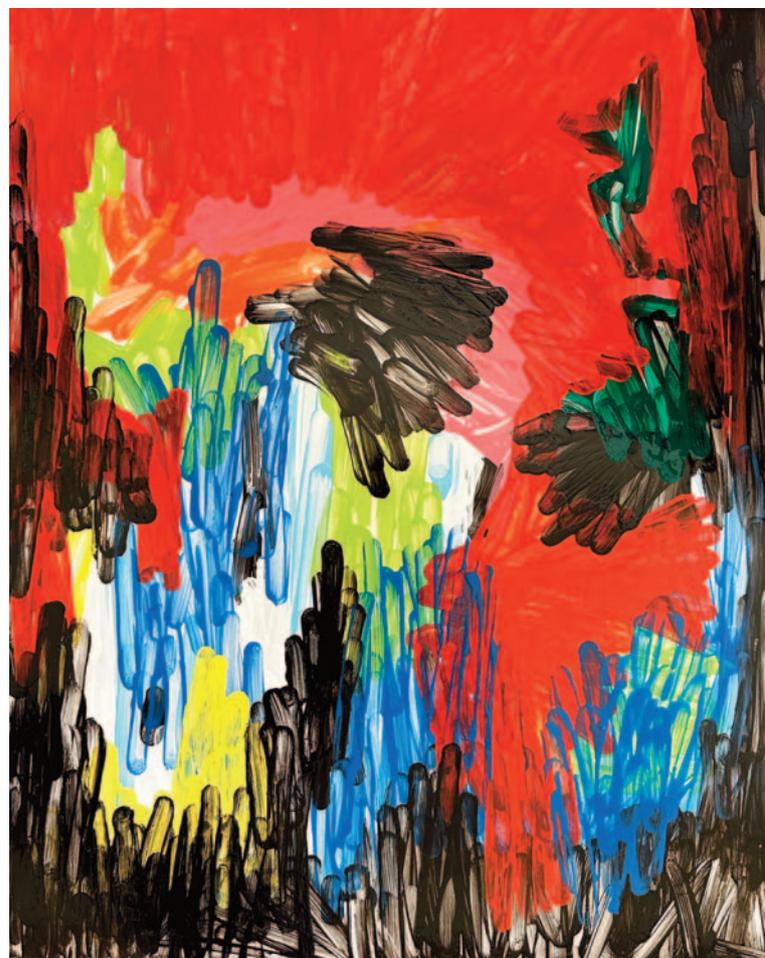
Até 22 de setembro

*Artur Fidalgo Galeria*

Rua Siqueira Campos, 143, 2º piso, loja 1, Copacabana,  
Rio de Janeiro / RJ

*Horário:* segunda a sexta, das 10h às 19h  
sábado e domingo mediante agendamento

Foto: Divulgação





Herbert De Paz,  
*La Sangre  
Nunca Muere*  
Foto: Divulgação

## LA SANGRE NUNCA MUERE, de Herbert De Paz, na Galeria Cassia Bomeny, RJ

*Sob a curadoria de Keyna Eleison, artista de El Salvador exhibe produção recente em mostra que celebra seus dez anos de vivência e inserção na cultura brasileira.*

*Ex-aluno do Parque Lage, Herbert foi assistente de Adriana Varejão e hoje integra as coleções do Instituto Inhotim, do Museu de Arte do Rio e do Institute of Contemporary Art, em Miami*

Através de uma poética que dialoga diretamente com a História, abordando e questionando as narrativas hegemônicas sobre a colonização nas Américas, a exposição tem como eixo conceitual as memórias ancestrais do artista e seu repertório imagético, com pinturas e colagens criadas a partir de fotos de arquivo.

"Meu trabalho traz a memória do meu lugar de origem, um território indígena e afrodiaspórico da América Central, pensando pontos que encontrei em comum com a história do Brasil e com os quais me identifiquei", comenta o artista. "Vejo minha obra como uma prática de arqueologia da imagem que serve para pensar outras possibilidades para o passado, modificando o presente e o futuro no imaginário coletivo, a partir de elementos alegóricos. Nas pinturas, eu coloco cenas do meu imaginário; já meu trabalho de colagem acontece a partir da pesquisa de registros históricos em revistas e se dá como desdobramento dessas imagens antigas com temas indígenas e negros".

Em sua terceira exposição individual, ele retoma a aproximação com Keyna Eleison, depois da exposição *Escrito no corpo*, também curada por ela, na Carpintaria (2020). Desta vez, o artista ocupa a Galeria Cassia Bomeny com peças concebidas especialmente para a mostra, composta majoritariamente por pinturas. A tela que dá título à exposição carrega o nome de uma canção ancestral de El Salvador, gravada pelo grupo indígena Talticpac, que retrata uma comunidade formada por uma mulher indígena, um homem negro e seu filho.

"A canção evoca essa raiz do meu país, que por muito tempo recebeu homens africanos escravizados que criavam famílias com as mulheres indígenas para que estes filhos fossem livres. Durante aproximadamente três séculos, El Salvador foi um território majoritariamente negro e indígena", conta De Paz. "Eu carrego esse sangue que pulsa sob o desejo dos meus ancestrais de um futuro melhor com seus descendentes, e levo sempre essa mensagem de luta pela autonomia do território sem esquecer das minhas raízes".



Herbert De Paz, *Histórias Contadas Pelas Mãos – Vaso com Macaco Maya (Expatriado 7)*

Foto: Divulgação



Herbert De Paz, *Colheita*, 2023

Foto: Divulgação

Duas telas de grandes dimensões (200x150cm) abordam a inserção do artista no território brasileiro e na história da sua arte moderna e contemporânea, e trabalham aspectos da identidade indígena de El Salvador, que fazem parte de sua origem. Em menor escala, oito telas compõem a série *Expatriados*, que resulta de uma pesquisa mais recente desenvolvida durante o mestrado e aborda objetos pré-hispânicos, que estão fora do seu território de origem e vêm sendo leiloados no mercado de arte.

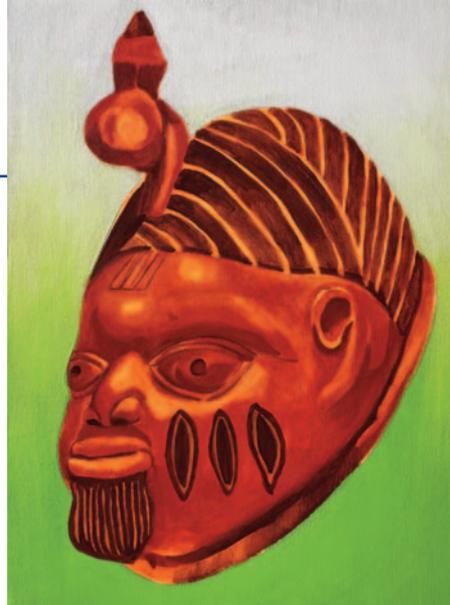
Já o trabalho de colagem de Herbert De Paz está representado por uma única peça, que integra a série *Iconografia das sombras*. Nela, o artista se baseia na pesqui-

sa iconográfica de imagens publicadas na Revista de História da Biblioteca Nacional (2005-2017) para subverter a representação de indígenas e negros na História, dando protagonismo a esses corpos racializados. "*Eu convoco essas pessoas para que possam nos contar a história desse passado colonial para além do que sabemos por meio dos registros oficiais*", explica o artista.

Tendo como suporte uma chapa de alumínio de grande dimensão, recortada com a silhueta de uma personagem que se apresenta como narradora desta história, a peça é preenchida com imagens das revistas que trazem cenas do cotidiano, registros familiares e retratos de personalidades.



Herbert  
De Paz,  
*Feiticeira  
Maya*  
(Expatriado 8)  
Foto: Divulgação



Herbert  
De Paz,  
*Máscara  
Ritualística  
Yorubá*  
(Expatriado 5)  
Foto: Divulgação

Para Keyna Eleison, as máscaras, cenas, objetos e personalidades de Herbert não são apenas imagens: *“As pinturas não se mantêm quietas na superfície da tela. Em seu trabalho, Herbert chama, evoca, arrasta para os nossos olhos uma prática da certeza de outras existências. Com ele, vemos e vemos de novo e mais uma vez para que alcancemos seu gesto, na tela e no hoje”*, comenta a curadora.

Nascido em El Salvador, Herbert De Paz chegou ao Brasil em 2013 para cursar a graduação em artes visuais na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, por meio de um programa de apoio educacional e cultural estabelecido entre o Brasil e países em desenvolvimento. Passou por cursos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e, em 2020, ingressou no mestrado em História da Arte, na UERJ. Paralelamente, foi assistente de Adriana Varejão e educador no MAM Rio e na Casa Museu Eva Klabin, onde entrou em contato direto com a arte brasileira e a dinâmica institucional.

Aos 32 anos, emerge na cena artística através de exposições individuais realizadas na Galeria A Gentil Carioca (2021) e na Caixa Preta (2019), e de exposições

coletivas em espaços como MAM Rio, Centro Municipal de Arte Helio Oiticica, EAV Parque Lage, Museu de Arte de El Salvador e Tanya Bonakdar Gallery (Nova York).

A consolidação de seu trabalho se reflete também na integração de suas obras às coleções do Instituto Inhotim, do Museu de Arte do Rio de Janeiro e do Institute of Contemporary Art, em Miami. Bem como na nomeação ao prêmio *Artista Emergente*, pela Cisneros Fontanals Art Foundation's (CIFO), em Miami; e no convite para realizar uma residência artística na organização salvadorenha Yes Contemporary Art. Para o ano que vem, Herbert confirmou, ainda, participação na residência Fountainhead, em Miami.

## SERVIÇO

**Exposição *La sangre nunca muere – Herbert De Paz***

Até 17 de outubro

*Visitação:* segunda a sexta, das 10h às 19h

*Galeria Cassia Bomeny*

Rua Garcia d'Avila, 196, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 97390-5995

*Website:* <https://cassiabomeny.com.br/>

*Instagram:* [@cassiabomenygaleria](https://www.instagram.com/cassiabomenygaleria)

# LUIZ AQUILA – EM TORNO DOS 80



## *Luiz Aquila comemora oito décadas com exposição que reúne importantes artistas de sua convivência na Fundação Cidade das Artes*

Era noite de réveillon, nos primeiros segundos de 1980 Luiz Aquila vibrava com a chegada da nova década. Ele atribuía isso ao número oito, “*redondo e também símbolo do infinito*”, mas, conscientemente ou não, pairava um forte otimismo motivado pelo fim da ditadura, que estava prestes a chegar.

Numa data especialmente redonda, quando celebra seus 80 anos, Aquila, que é considerado um dos pintores mais ativos de sua geração, inaugura “*Em Torno dos 80*”, exposição que será marcada por reencontros afetuosos e significativos. A mostra homenageia o mestre com a participação de artistas que com ele conviveram no Parque Lage na década de 80, justamente no período em que houve uma retomada da liberdade de expressão – especificamente na pintura, em termos plásticos.

A proposta curatorial envolve cerca de 30 nomes fundamentais na história da arte brasileira, com obras pertencentes a coleções deles próprios e privadas. Adriano Mangiavacchi, Ana Durães, Angelo Venosa, Anna Bella Geiger, Alexandre Dacosta, Beatriz Milhazes, Clara Cavendish, Claudio Kuperman, Cristina Canale, Cristina Salgado, Celeida Tostes, Daniel Senise, Jeannette Priolli, João Magalhães, John Nicholson, Jorge Guinle, Luiz

Pizarro, Manfredo de Souza Netto, Monica Barki, Malu Fatorelli, Nelly Gutmacher, Ronaldo do Rego Macedo, Rubens Gerchman, Suzana Queiroga, Victor Arruda e Xico Chaves estarão expondo seus laços afetivos e a importância de Aquila como incentivador da criação na pintura na década de 80, em particular na Escola de Artes Visuais do Parque Lage – instituição onde lecionou a partir de 1982 e atuou como diretor de 1988 a 1992.



Luiz Aquila, *A Pintura, os azuis e os brancos*  
Foto: Divulgação

A mostra é uma realização da Fundação Cidade das Artes (presidida por Daniela Santa Cruz) e da Galeria Patrícia Costa, com curadoria de Monica Xexéo.

*“Minha passagem pelo Parque Lage nos anos 1980 foi a experiência mais profícua e prazerosa que obtive de um de trabalho em grupo. Tanto com os alunos, como professor, como no convívio com os colegas. Nessa época todas as salas se comunicavam viradas para o entorno da piscina, então havia uma facilidade de saber o que os colegas estavam criando. Os encontros na cantina eram um verdadeiro seminário de arte e de discussão, sobre política, inclusive. Ao contrário da faculdade, a EAV só tinha o ‘miolo’ bom. Concentrava a parte criativa, investigativa voluntária e o prazer de luta pela própria Escola. Foi um período maravilhoso e eu tive muita sorte de estar lá dentro”,* lembra o mestre.

*“Queremos evidenciar a obra de Luiz Aquila na reformulação da NPB (Nova Pintura Brasileira) e o seu protagonismo como orientador de uma nova e brilhante geração de artistas, surgidos nos anos 80, no início da redemocratização do país”,* afirma a curadora, Monica Xexéo. A exposição vai ocupar duas galerias, com programação que inclui o lançamento do livro *“Em Torno dos 80”*, projeto socioeducativo direcionado a escolas públicas e mesas temáticas com bate-papo entre Aquila e convidados que fizeram parte de sua trajetória.

Daniela Santa Cruz, Presidente da Cidade das Artes, fala sobre o projeto: *“Meu encantamento pelas pinturas do Luiz Aquila é reflexo do encantamento que tenho pelo artista. Sua obra, para mim, evoca sensações e senti-*

*mentos que desejo acessar. Suas cores limpas e traços trabalham para esse objetivo. Minha identificação é sempre imediata. A vida é bela e hoje, como atual presidente da Fundação Cidade das Artes, tenho a honra de receber em nossas salas essa exposição, uma necessária homenagem, em vida, a um grande artista carioca e brasileiro, absolutamente acessível e querido por todos”.*

## REENCONTRO COM A PINTURA

Corria o ano de 1980. O clima era de celebração com a volta da liberdade de expressão com o fim da repressão e da censura. Em termos plásticos, houve uma retomada da pintura mais subjetiva e o Parque Lage foi celeiro de importantes talentos da arte brasileira. Nesse período, Luiz Aquila desempenhou papel fundamental no grupo de artistas que formou a chamada “Geração 80”.

## SERVIÇO

**“Em Torno dos 80” – Exposição em homenagem aos 80 anos do artista Luiz Aquila**

Até 8 de outubro

Cidade das Artes

Av. das Américas, 5.300 – Barra da Tijuca, Rio de Janeiro / RJ

*Funcionamento:* de terça a domingo e feriados, das 10h às 18h

*Classificação:* livre | Entrada gratuita



Rubens Gerchman,  
*Sem título*  
(caixa de montar)  
Foto: Divulgação



Maria Nepomuceno, *Pulso*

Foto: Mario Grisolli

## "BIG BANG BOCA"

### Maria Nepomuceno faz exposição inédita no Instituto Artium, SP

*Desenvolvida especialmente para ocupar as áreas externa e interna do Artium, Big Bang Boca é feita em diversos materiais, como com cordas, contas, palha, cerâmica, barro, madeira e resina. A mostra tem curadoria de Danniell Rangel e fica em cartaz no Instituto Artium, em Higienópolis, até 4 de novembro. A entrada é gratuita*

"Big Bang Boca", da artista premiada Maria Nepomuceno, é composta por uma única instalação em grande formato, desenvolvida especialmente para a arquitetura do Instituto Artium: a obra brota no jardim do palacete e invade os salões internos, como um grande organismo vivo. A instalação – que dá seguimento à linha de trabalho da artista dos últimos anos – é desenvolvida utilizando técnicas de manufatura tradicionais e outras inventadas, além de inserir objetos cotidianos trazendo uma referência ao surrealismo.

"Neste novo projeto tive a oportunidade de explorar um espaço singular, um palacete com uma arquitetura desafiadora por se fazer bastante presente. Concebi uma instalação que ganha vida a partir do jardim, como se emergisse naturalmente desse ambiente. Gradual-

mente, ela se expande, escala paredes e adentra a sala através da janela, criando uma sensação de invasão, mas de maneira acolhedora", detalha Maria Nepomuceno. "A ideia dessa obra contrapõe outros trabalhos que desenvolvi durante a pandemia, em que os organismos escapavam pelas janelas. Agora, os organismos enraizados partem da própria natureza, ocupando o espaço interior de forma orgânica e conectam-se à estrutura arquitetônica do salão. Esta relação com a terra reflete um desejo profundo de aterramento, de reforçar a importância do retorno à natureza e de expandir minhas raízes simbólicas através dessa instalação", completa.

De acordo com o curador Danniell Rangel, as formas dão luz a vários elementos e cores, colocando o espectador como parte de um todo. "Formas vulcânicas pul-

Maria Nepomuceno, *Always in a spiral*

Foto: Acervo Pessoal





Maria Nepomuceno

Foto: Divulgação

*sam no interior da sala principal, como um organismo vivo, cheio de veias, capilares e artérias – que nos remetem não só ao nosso corpo, mas também ao universo e ao planeta. Ao espectador basta somente identificar-se ou ser absorvido completamente por bocas famintas e tentáculos que serpenteiam pelo espaço", explica.*

Sobre as emoções que deseja transmitir ao público, Maria Nepomuceno afirma que propõe por meio da obra uma pulsação vital, uma energia de regeneração. *"A construção em espiral da obra evoca uma ideia de expansão constante, um movimento que tende ao infinito e propõe uma afirmação da energia vital. Acredito que essa seja a principal contribuição que minha arte pode oferecer ao público: uma pulsão de vitalidade, regeneração e ao mesmo tempo, uma suspensão do tempo. O processo manual e minucioso de costura confere uma dimensão atemporal, um tempo*

*que transcende as medidas convencionais e se mantém dilatado em suspensão".*

#### **SOBRE A ARTISTA**

Maria Nepomuceno é uma artista brasileira que vive e trabalha na cidade do Rio de Janeiro. Dedicar-se principalmente a instalações e esculturas, algumas delas em território híbrido com a pintura, desenho e colagens, criando organismos em tramas que englobam tecido, contas de colar, corda, palha, argila, cerâmica, madeira, plantas e diversos outros materiais. Por vezes também objetos de uso cotidiano, e artesanias populares principalmente oriundos do Brasil.

A partir de pesquisas e viagens, Maria incorpora referências de trabalhos coletivos de comunidades indígenas, tecelãs e de Carnaval em suas obras como forma de interlocução com o espaço, com o tempo e com a

diversidade cultural. Em sua obra escultórica é muito comum a mistura de cores vibrantes e o equilíbrio de volumes como propulsores do anacronismo entretempos, uma espécie de matemática viva onde suas formas incorporam um raciocínio poético e afetivo intenso.

Suas obras integram as coleções do Solomon R. Guggenheim, Nova York, EUA; Guggenheim Abu Dhabi, Museum of Fine Arts, Boston, EUA; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Rubell Family Collection Contemporary Arts Founda-

tion, Miami, EUA; Allen Memorial Art Museum, Ohio; MASP, São Paulo; entre outras.

## SERVIÇO

### Exposição *Big Bang Boca – Maria Nepomuceno*

Até 4 de novembro

*Instituto Artium de Cultura*

Rua Piauí, 874, Higienópolis, São Paulo / SP

*Horário de funcionamento:* quarta a sexta de 12h às 18h

sábados e domingos de 10h às 18h

segundas e terças fechado

Entrada gratuita

Maria Nepomuceno

Foto: Divulgação





Denilson Baniwa, *Mitológicas 2*, 2023

Foto: Pedro Agilson

## Com FORROBODÓ, Galeria A Gentil Carioca, no centro do Rio, comemora 20 anos

*Exposição celebra o potencial das ruas, com obras de cerca de 60 artistas, como Anna Bella Geiger, Antonio Dias, Antonio Manuel, Cildo Meireles, Hélio Oiticica, Denilson Baniwa, entre outros*

Uma das mais importantes galerias de arte contemporânea brasileiras, A Gentil Carioca, completa 20 anos de atividade este mês. A galeria – que traduz o jeito carioca de ser – inaugura no dia 9 uma grande exposição coletiva, “Forrobodó”, com curadoria de Ulisses Carilho, que celebra o potencial político, poético, estético e erótico das ruas. A mostra ocupará os dois casarões dos anos 1920 onde funciona a sede carioca da galeria,

com obras de cerca de 60 artistas, como Adriana Varejão, Anna Bella Geiger, Antonio Dias, Antonio Manuel, Cildo Meireles, Hélio Oiticica, Lenora de Barros, Denilson Baniwa, entre outros, que, de diversas formas, possuem uma relação com a galeria.

Pioneira em vários aspectos, A Gentil Carioca fez história ao longo dos anos, sendo a única galeria brasi-

leira fundada por artistas plásticos – Márcio Botner, Ernesto Neto e Laura Lima. Além disso, a galeria, que hoje também tem Elsa Ravazzolo Botner como sócia, está localizada fora do circuito tradicional de galerias, no Saara, maior centro de comércio popular da cidade. Com uma programação diferenciada e agregadora, há dois anos também possui um espaço em São Paulo.

*“A Gentil já nasce misturada para captar e difundir a diversidade da arte no Brasil e no mundo. Tem como maior objetivo fazer-se um lugar para pensar, produzir, experimentar e celebrar a arte. Nossos endereços são lugares de concentração e difusão da voz de diferentes artistas e ideias”,* afirmam os sócios Márcio Botner, Ernesto Neto, Laura Lima e Elsa Ravazzolo Botner.

## GRANDE CELEBRAÇÃO

*“Forrobodó”* será uma grande celebração, com performances de diversos artistas, como Vivian Caccuri, Novíssimo Edgar e Cabelo, entre outros, além da obra do artista Yhuri Cruz, na “Parede Gentil”, projeto no qual um artista é convidado a realizar uma obra especial na parede externa da galeria. E haverá também o tradicional bolo de aniversário surpresa, criado pelos artistas Edimilson Nunes e Marcos Cardoso, que adiantam: *“Os desfiles carnavalescos no Brasil e suas configurações locais da América latina têm como origem as procissões. Esta performance do bolo é uma espécie de procissão onde o sagrado é alimento para o corpo. Ação familiar e fraternal em que a alegria é alegoria de um feliz aniversário”.*

Vinicius Gerheim, *Mandacaru*, 2022

Foto: Pedro Agilson





Ana Linnemann, *Pintura-sem-saída com labirinto (nº 6)*, 2020

Foto: Pedro Agilson

A exposição “Forrobodó” apresentará obras em diferentes técnicas, como pintura, fotografia, escultura, instalação, vídeo e videoinstalação, de cerca de 60 artistas de diferentes gerações, entre obras icônicas e inéditas, produzidas desde 1967 – como o “B47 Bólide Caixa 22”, de Hélio Oiticica – até os dias atuais. “Cruzaremos trabalhos de diversos artistas, a partir de consonâncias e ecos, buscando uma apresentação de maneira a ocupar os espaços da galeria em variados ritmos, densidades, atmosferas, cores e estratégias – como dramaturgias distintas de uma mesma obra”, revela o curador Ulisses Carrilho.

O nome “Forrobodó” vem da opereta de costumes composta por Chiquinha Gonzaga. “A grande inspiração para a exposição foi a personalidade da Gentil Carioca, que tem uma certa institucionalidade, com projetos públicos, aliada a uma experimentabilidade, com vernissages nada óbvios para um circuito de arte contemporânea”, conta Ulisses Carrilho.

As obras estarão agrupadas por ideias, sem divisão de núcleos. No primeiro prédio, haverá uma sala que aponta para o comércio popular, para a estética das ruas, em referência ao local onde a galeria está localizada. No mesmo prédio, na parte da piscina, “haverá uma alusão aos mares, que nos fazem chegar até os mercados, lugar de trânsito e troca”, explica o curador. Nesse espaço, por exemplo, estará a pintura “Sem título” (2023), de Arjan Martins, que sugere um grande mar, além de obras onde as alegorias do popular podem ser festejadas.

No segundo prédio, a inspiração do curador foi o escritor Dante Alighieri, sugerindo uma ideia de inferno, purgatório e paraíso em cada um dos três andares. “O inferno é a porta para a rua, a encruzilhada, onde estarão, por exemplo, a bandeira avermelhada de Antonio Dias e a pintura de Antonio Manuel, além das formas orgânicas de Maria Nepomuceno e trabalhos de Aleta Valente sobre os motéis da Avenida Brasil”, diz o curador, ao explicar que no segundo andar estará uma ideia do purgatório de Dante: “Um espaço em que a paisagem torna-se não apenas o comércio popular, mas o deserto do Saara e as praias cariocas”.



Cabelo, *Sem título*, 2020

Foto: Pedro Agilson



José Bento,  
Meu Brasil  
Brasileiro,  
2018

Foto:  
Pedro Agilson

No último andar, uma alusão não exatamente ao paraíso, mas aos céus, com obras focadas na abstração geométrica, na liberdade do sentido e na potência da forma, com trabalhos escultóricos de Ernesto Neto, Fernanda Gomes e Ana Linnemann, por exemplo. *“São obras que operam numa zona de sutileza, que apostam na abstração e precisam de um certo silêncio para acontecer. Atmosferas distintas, que parte deste forro-bodó, deste todo, para de alguma maneira ir se acomodando”*, afirma Carrilho.

Os artistas que participam da exposição são: Adriana Varejão, Agrade Camíz, Aleta Valente, Ana Linnemann, Anna Bella Geiger, Antonio Dias, Antonio Manuel, Arjan

Martins, Bob N., Botner e Pedro, Cabelo, Cildo Meireles, Claudia Hersz, Denilson Baniwa, Fernanda Gomes, Guga Ferraz, Hélio Oiticica, Neville D´Almeida, João Modé, José Bento, Lourival Cuquinha, Luiz Zerbini, Marcela Cantuária, Marcos Chaves, Maria Laet, Maria Nepomuceno, Maxwell Alexandre, Novíssimo Edgar, O Bastardo, Paulo Bruscky, Rafael Alonso, Rodrigo Torres, Sallisa Rosa, Vinicius Gerheim, Vivian Caccuri, entre outros.

### OUTRAS PROGRAMAÇÕES

Ainda como parte dos 20 anos, dois outros projetos: a exposição “*Moqueca de Maridos*”, de Denilson Baniwa, até 23 de setembro, na Gentil Carioca São Paulo, que reúne uma nova série de obras do artista que trazem o imaginário de quadros clássicos e uma iconografia colonial num gesto antropofágico, e as exposições de Rose Afefé, Yanaki Herrera e Newton Santanna, também em São Paulo.

### SOBRE A GENTIL CARIOCA

Ao longo desses 20, além de produzir inúmeras exposições, a galeria realizou diversos projetos que permanecem na programação anual do espaço: *Abre Alas*, um dos mais conhecidos, acontece desde 2005, inaugurando o calendário de exposições, com o intuito de gerar oportunidades para jovens artistas do Brasil e do mundo; *Parede Gentil*, que desde 2005 recebe convidados para realizar obras especiais na parede externa da galeria; *Camisa Educação*, desenvolvido desde 2005, convida artistas a criarem camisas que incorporem a palavra “educação” às suas criações. Em 2010 teve início o *Alalaô*, idealizado pelos artistas Márcio Botner,

Ernesto Neto e Marcos Wagner, onde a cada edição um artista é convidado para realizar uma obra de arte, intervenção ou performance na praia do Arpoador, RJ, mostrando que a praia também pode ser um espaço para a cultura.



Sócios d’A Gentil Carioca, da esquerda para a direita: Laura Lima, Elsa Ravazzolo Botner, Ernesto Neto e Marcio Botner  
Foto: Pedro Agilson

### SERVIÇO

#### 20 anos A Gentil Carioca – Exposição *Forrobodó*

*Abertura:* 9 de setembro

*Exposição:* até 21 de outubro

*A Gentil Carioca*

Rua Gonçalves Léo, 11/17, sobrado, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2222-1651

*Horário:* terça a sexta, das 12h às 18h; sábado, das 12h às 16h

Entrada gratuita

# TIJOLO DE PRATA

## Rommulo Vieira Conceição abre individual em São Paulo, na Aura Galeria

Rommulo Vieira Conceição, *Em suspensão*, 2019

Foto: Divulgação



Com curadoria de Roberto Conduru, a exposição de Vieira Conceição reúne trabalhos históricos e inéditos do artista. As obras atravessam temas como a problematização da ideia de uma estética da gambiarra na história da arte brasileira e investigações em torno da tensão entre lugar e espaço na arquitetura moderna. É a primeira individual do artista na galeria e fica em cartaz até 14 de outubro.

Participante da 35a Bienal de São Paulo, “Coreografias do impossível,” e de “Dos Brasis Arte e pensamento negro”, Sesc Belenzinho, o artista ocupa um lugar de destaque na cena artística brasileira. Com mais de 20

anos de carreira, trabalha com variados suportes e tem obras nos acervos da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Instituto Inhotim, Museu de Arte Contemporânea da USP e do Centro Cultural de São Paulo.

### SERVIÇO

**Exposição “Tijolo de prata”, de Rommulo Vieira Conceição**

Até 14 de outubro

*Aura Galeria*

Rua da Consolação, 2767, Jardins, São Paulo/SP

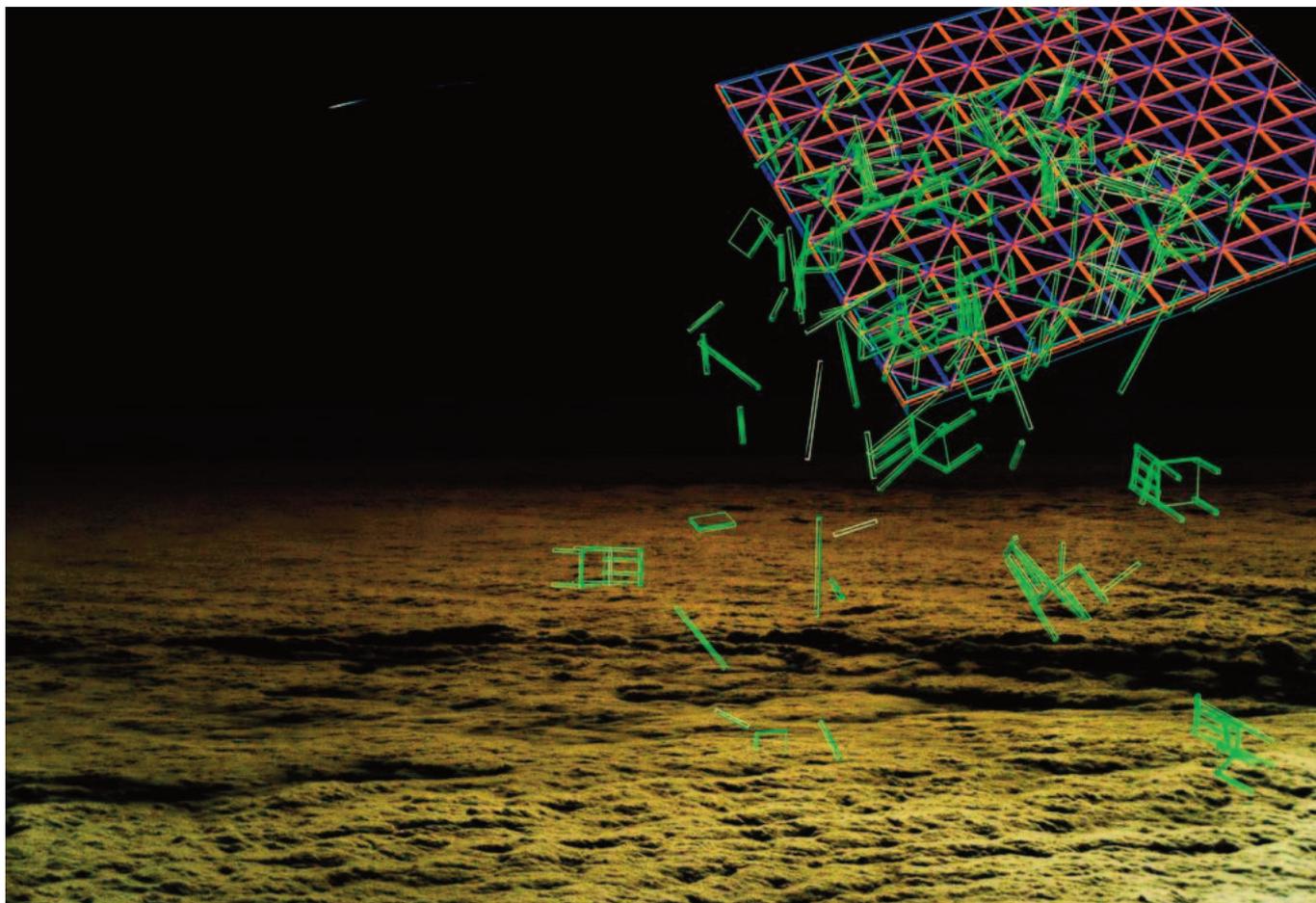
Tel.: (11) 3034-3825

*Horário:* segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 10h às 17h

[aura.art.br](http://aura.art.br)

Rommulo Vieira Conceição, *Tudo o que é sólido desmancha no ar* #03



# CERIMÔNIA, de Tania Candiana, na Galeria Vermelho, SP



Tania Candiani, *still de Danzas para la tierra*

*Primeira exposição individual da artista mexicana  
no Brasil poderá ser vista até 14 de outubro*

Um dos pontos centrais da pesquisa de Tania Candiani é a ideia ampliada de tradução, estendida ao campo experimental por meio do uso de linguagens visuais, sonoras, textuais e simbólicas. Muitos de seus projetos consideram o universo do som e a política da escuta

como ferramentas capazes de ampliar e transformar percepções, tanto humanas quanto não humanas.

Outra parte importante do trabalho da artista está relacionada a políticas e práticas feministas, entendendo-

as como experiências comunitárias, afetivas e ritualísticas. A produção de Candiani costuma envolver grupos de trabalho interdisciplinares em diversas áreas, consolidando intersecções entre arte, arquitetura, literatura, música e ciência. Em sua obra, esses saberes se encontram na investigação de técnicas ancestrais, tecnologias e suas histórias na produção do conhecimento.

Tania Candiani (1974) vive e trabalha na Cidade do México. Membro do Sistema Nacional de Criadores de Arte do México, recebeu o *Guggenheim Fellowship in the Arts*, e o *Smithsonian Institution Research Grant for Artists*. Atualmente é artista residente no programa *Arts at CERN*, em Genebra, Suíça. Em 2015, representou o México na 56ª Bienal de Veneza.

## AS OBRAS

Em *Cerimônia*, Tania Candiani apresenta cinco novas séries de pinturas e bordados e três videoinstalações. Suas obras aproximam rituais, manifestações públicas e as ancestralidades como um conjunto de relações que se completam em uma construção contínua.

A série *Confrontadas* reproduz, através de grandes pinturas bordadas, cenas de confrontos entre manifestantes e policiais. As imagens são oriundas do fotojornalismo e provém da cobertura de manifestações ocorridas nos últimos 10 anos com as mulheres como protagonistas. Essas mulheres/manifestantes surgem em bordados brancos sobre pintura em tinta acrílica preta, e os policiais em bordados pretos sobretinta preta. Essa diferença deixa notar as distintas qualidades das mani-



Tania Candiani, *Rio de Janeiro, Brazil, March 8, 2019, International Women's Day*, Based on a photo by EFE

festantes, ora confrontadoras, ora apaziguadoras, enquanto os policiais permanecem fantasmagóricos em todas as peças.

*Confrontadas* deriva da série *Manifestantes*, iniciada por Candiani em 2019. “Comecei ‘Manifestantes’ uma semana antes da primeira marcha da ‘revolución diamantina’ (uma marcha que protestava contra o estupro de uma jovem por policiais no norte da Cidade do México). E iniciei uma série de pinturas costuradas em grande escala retratando mulheres em diferentes marchas e protestos ao redor do mundo, inclusive no Brasil. A série destaca o momento de protesto uníssono – quando a voz se eleva. Costurar para mim é uma espécie de desenho barulhento. Esses retratos são vozes”, revela a artista.

O barulho a que Tania Candiani se refere, sinaliza sua prática intensamente ligada à investigação do som – natural ou artificial, tradicional ou disruptivo. Essas diferentes inflexões estão presentes também na videoinstalação *Pulso*, de 2017. *Pulso* foi filmado a partir de uma ação sonora coletiva e feminista em escala urbana. A ação baseou-se em uma cerimônia iniciada com a viagem de mais de 200 mulheres pelo Metrô da Cidade do México, tocando tambores cujo som se constrói evocando simultaneamente memória e presente. Essa evocação baseia-se no fato de que há uma coin-

cidência entre o mapa do metrô da Cidade do México e o antigo mapa hidrográfico da cidade – que foi quase inteiramente aterrado.

Com as mãos manchadas de cochonilha escarlate (inseto que vive em cactos nativos do México, usado tradicionalmente na produção de pigmentos alimentícios e decorativos), as mulheres, organizadas em grupos, percorreram de ponta a ponta as doze linhas do metrô, gerando uma pulsação na cidade. Os tambores utilizados em *Pulso* reproduzem instrumentos pré-his-

Tania Candiani, *Ulan-Ude, Russia and Mongolia border*, 21 de abril de 2021





Tania Candiani, *still* de *Tidal Choreography*

pânicos, que evocam a força ancestral do território México-Tenochtitlán.

A ancestralidade mexicana também aparece em *Danzas para la tierra*, vídeo inspirado na “*Danza de los Negritos*” de origem Totonac, dançada na zona montanhosa dos estados de Veracruz, Puebla e Hidalgo, no México, e em diversos países da América Latina. *Danzas para la tierra* compõe um amplo projeto de Candiani de recuperação e releitura das danças tradicionais – de origem pré-hispânica e colonial. O vídeo registra a dança vista de cima, traçando o movimento dos corpos com recursos digitais coloridos, como uma instrução documental somada ao som alto do sapateado dos bailarinos, criando tensão entre instrução e catarse.

A dança tem origem no período de invasão do território mexicano por espanhóis e remonta a história de uma africana escravizada que, ao ver seu filho ser picado por uma serpente, começou a realizar uma cerimônia típica da África – dançar, cantar e gritar em volta do jovem enfermo. Os índios Totonac, que observavam esse ritual, ficaram maravilhados com o que a mãe estava fazendo e imediatamente começaram a imitá-la. Nasce assim a dança dos negros, representando a cultura afro-mexicana e caracterizada por fortes golpes de percussão. Acompanham o vídeo, um conjunto de pinturas intuitivas *Dance Score Paintings*.

As séries *Cerimônias* e *Dance Scores* também codificam coreografias ancestrais de danças e rituais que evocam o vento e a chuva, por exemplo.

Completa a exposição a videoinstalação em dois canais *Tidal Choreography* (2023), feita após uma residência artística na vila costeira de Glin, na costa sul do estuário de Shannon, na Irlanda.

Durante esse período, Candiani observou o ritmo interligado entre a comunidade e o rio de maré que a atravessa. Em particular, a artista passou um tempo com as nadadoras locais enquanto elas se dirigiam diariamente para o rio na maré alta. *Tidal Choreography* registra a cerimônia de encontro entre as nadadoras e a natureza. O que se vê é uma relação simbiótica e coreográfica entre a maré, a gravidade, as nadadoras e o conjunto de vidas aquáticas que habitam o rio.

## SERVIÇO

### Exposição *Cerimônia de Tania Candiani*

Até 14 de outubro

Galeria Vermelho

Rua Minas Gerais, 350, Higienópolis, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3138-1520

Horário: terça-feira a sexta-feira das 10h às 19h  
e aos sábados das 11h às 17h

[www.galeriavermelho.com.br](http://www.galeriavermelho.com.br)

Mais informações: [jan@galeriavermelho.com.br](mailto:jan@galeriavermelho.com.br)

Gratuito | Classificação livre

# AMELIA TOLEDO

## O RIO (E O VOO) DE AMELIA NO RIO



Amelia Toledo, *Divino maravilhoso – para Caetano Veloso*, 1971

Foto: Flavio Freire

*A artista paulistana Amelia Toledo (1926–2017) viveu no Rio de Janeiro nos anos 1970 e 1980, período em que iniciou uma obra pioneira na história da arte brasileira, criando o que se pode chamar de abstração ecológica. Além de obras icônicas, como o livro-objeto “Divino Maravilhoso – Para Caetano Veloso” (1971), dedicado ao cantor e compositor, ou trabalhos que estiveram em sua impactante individual “Emergências”, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1976, a exposição na Nara Roesler Rio de Janeiro – que representa a artista e seu legado – traz pinturas e aquarelas inéditas, em que o público verá sua experiência com a luz, e a incorporação em seu trabalho de materiais como pedras, conchas marinhas e cristais*

Ponte permanente entre a natureza concreta da abstração moderna e a própria natureza, a pesquisa carioca de Amelia Toledo marca o desenvolvimento de uma obra pioneira, que poderia se qualificar como abstração ecológica. A artista, ao manter o mundo orgânico como fonte e destino de sua obra, foi renovadora das fontes organicistas da modernidade. São mais de 50 obras – pinturas, esculturas, objetos, aquarelas, serigrafias e desenhos – que abrangem também algumas produzidas posteriormente a partir de suas pesquisas naquele período.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos

1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Ela começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

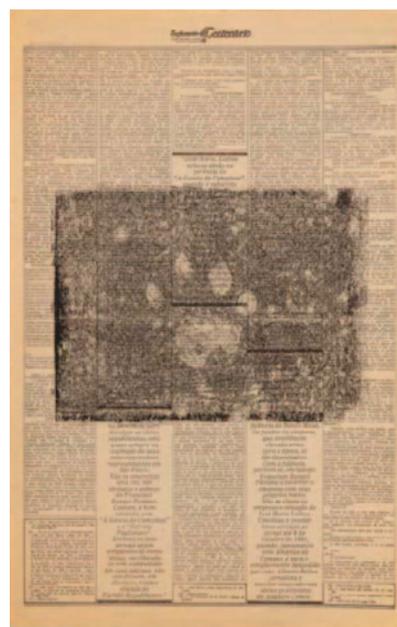
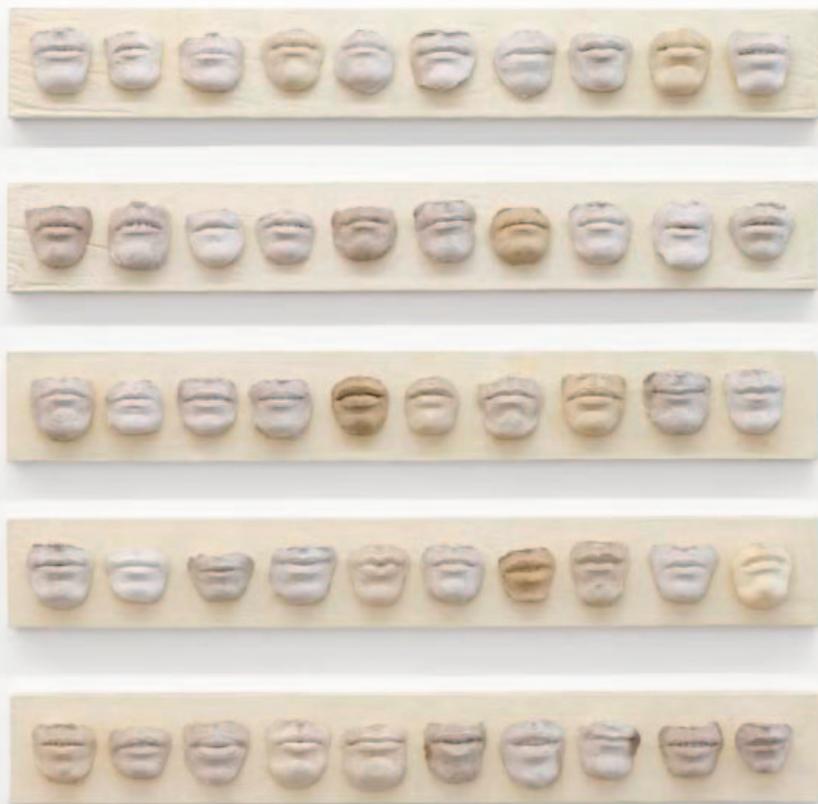
### EMERGÊNCIAS

Estão na mostra obras que integraram sua impactante individual em 1976, no MAM do Rio de Janeiro, “Emergências”: “Reunião” (1976), constituída por cinco painéis de 15 cm x 100 cm com moldagem em gesso; e as séries feitas com estampas de mãos ou pegadas de

onça sobre páginas de jornal, que ao mesmo tempo indicam rastros de uma presença e obliteram a leitura das notícias. A mostra, de modo geral, e essa série, em particular, dialogavam com os tempos sombrios da ditadura no Brasil.

Amelia Toledo, *Reunião*, 1976

Foto: Flavio Freire



Amelia Toledo,  
*Pegada da Onça*, 1975

Foto: Flavio Freire



### MOLDES DE CONCHAS

Outros marcos da produção de Amelia Toledo criados no período em que viveu no Rio de Janeiro são as obras *“Gambiarra”* (1976), *“O Cheio do Oco”* (1973) e trabalhos da série *“Frutos do Mar”* (1982), em que a artista expõe moldes de conchas produzidos em poliéster à ação do mar, até que ficassem cobertos por cracas e briozoários, conferindo a essas esculturas um aspecto vivo, e explorando o encontro entre o natural e o artificial.

Nesse mesmo período, Amelia Toledo reinsere a pintura abstrata em sua prática, trazendo muitas de suas observações anteriores para o campo pictórico, que irá desenvolver até o fim da vida em séries como *“Campos de Cor”*, presentes na exposição com quatro pinturas em acrílica sobre linho ou juta; e *“Pinturas de Horizonte”*, três obras em tinta ou resina acrílica sobre linho.

### PEDRAS E MINERAIS

Dentre os trabalhos feitos posteriormente, estão presentes quatro trabalhos com pedras e minerais, que passaram a ser centrais na obra de Amelia Toledo a partir dos anos 2000. Ela criou composições nas quais as peças coletadas das profundezas de cenários naturais são dispostas em variados arranjos, algumas em diálogo com materiais “modernos”, como o aço inoxidável. As rochas não foram submetidas a nenhum tratamento que alterasse suas características originais, sendo apenas polidas de modo a destacar seus desenhos internos feitos pelos delicados veios capazes de revelar sua

temporalidade. Desse conjunto, fazem parte da mostra duas obras da série “Impulsos”, “Minas de cor” e “Canto das ametistas” (2001).

### PROJETOS PÚBLICOS NO RIO DE JANEIRO

Além das obras públicas de Amelia Toledo em São Paulo – várias no Ibirapuera; no Metrô do Brás; e no Parque Vila Maria – a artista criou o *Projeto Cromático*, com 68 tons, que revestem as paredes da Estação Arcoverde do Metrô, em Copacabana, no Rio de Janeiro, premiado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil. Em entrevistas dadas à época da inauguração, em 1998, ela disse que sua intenção foi fazer com que o público não se sentisse indo em direção ao fundo da terra. Na mesma Estação, ela indicou os materiais de acabamento e fez o painel de piso “*Embarque na Estação*

*Terra*”, complementado pelo painel de aço inox “*Por dentro da Terra*”. E na Praça Arcoverde, em frente à Estação, ela fez a fonte/escultura “*Palácio de Cristal*” (1998), um bloco de quartzo rosa sobre espelho d’água.

### SERVIÇO

**Exposição “O rio (e o voo) de Amelia no Rio”**

Galeria Nara Roesler

Rua Redentor, 241, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 359-0052

[info@nararoesler.art](mailto:info@nararoesler.art)

*Abertura:* 12 de setembro, das 17h às 21h

*Exposição:* até 21 de outubro

Entrada gratuita

*Horário:* segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 11h às 15h

<https://nararoesler.art/>



Amelia Toledo,  
*Canto das ametistas*,  
2001

Foto: Flavio Freire



Mostra  
fotográfica,  
INVISIBILIZADOS,  
de  
Marco Mota,  
no  
Plano Piloto,  
Brasília

*Invisibilizados* reúne uma coleção de 21 fotografias que abordam temas relativos às questões raciais, étnicas e sociais. Tratadas em múltiplos processos de sobreposição de imagens, colagens e intervenções digitais, 14 delas têm como base reproduções de registros históricos digitalizados e disponibilizados pelo Arquivo Público do DF e pelo Instituto Moreira Sales.

*“Os trabalhos têm como objetivo principal ampliar o debate sobre temas ainda tão presentes em nossa sociedade, ao retratar situações de preconceito, privação de direitos, falta de acesso e de exclusão, em diferentes momentos da nossa história”, afirma Mota.*

Tendo como apoiador principal o Sindicato dos Professores no Distrito Federal, a exposição terá um desdobramento direcionado à educação. Serão realizadas visitas a escolas públicas do Distrito Federal, para a apresentação do trabalho. O fotógrafo Marco Mota participará das visitas e detalhará aos alunos os processos de concepção e de produção, além das técnicas utilizadas.

Até o dia 5 de outubro, as escolas interessadas em levar suas turmas à exposição e, posteriormente, trabalhar/debater com os alunos os temas abordados, devem agendar a visitação pelo e-mail [secretaria.cultura@sinprodf.org.br](mailto:secretaria.cultura@sinprodf.org.br). Público em geral não precisa agendar visitas. O horário de funcionamento da sede do SINPRO-DF é de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h. Entrada franca.

### **SOBRE O FOTÓGRAFO**

Marco Mota nasceu em Brasília (DF). É formado em História e Educação Física. Atua como professor na área de treinamento físico há mais de 18 anos e a fotografia sempre esteve presente em sua vida, através de experimentações e cursos. A produção de seus trabalhos é inspirada em prestigiados profissionais, entre os quais Ansel Adams, considerado o mais importante fotógrafo de paisagem do século XX, autor da frase “*you don't take a photograph, you create one*”.

Com base também nessa observação, a fotografia autoral de Marco Mota surge aos poucos, em processos fotográficos de experimentações e intervenções digi-

tais. Ao visualizar várias imagens o visitante é provocado a questionar aquilo que vê ou como ele vê. A fotografia como linguagem artística e expressão do mundo possibilita, neste contexto, ressignificar histórias.

### **SERVIÇO**

**Exposição fotográfica *Invisibilizados de Marco Mota***

Até 5 de outubro

*Sindicato dos Professores no Distrito Federal (SINPRO-DF)*

SIG Quadra 6 Lote 2260 – Setor Gráfico, Brasília/DF

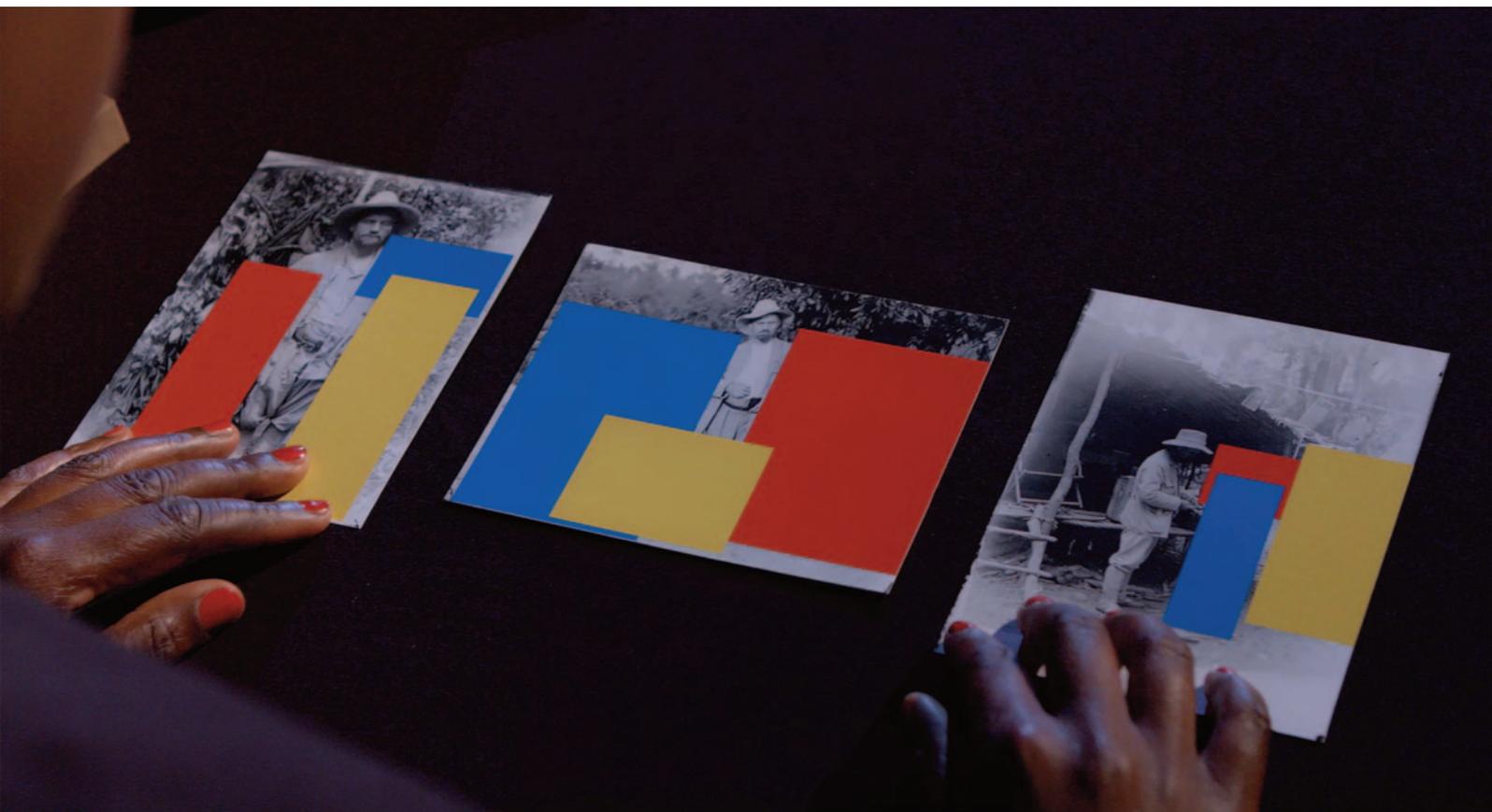
*Horário de funcionamento: 8h às 18h*

*Informações: (61) 3343-4202*



# FOTORIO 2023

## no Centro Cultural Justiça Federal, Rio de Janeiro



Belinda Kazeem-Kaminski, *still* do vídeo *Exumação em conversa*

*Celebrando seus vinte anos de criação, o FotoRio 2023 ocupa o Centro Cultural Justiça Federal com seis importantes exposições que tratam de temas de relevância como o racismo, a escravidão, a decolonialidade, o feminicídio e o preconceito de gênero*

Quatro mostras são de artistas estrangeiros e duas de artistas visuais nacionais – Aline Motta e a dupla Masina Pinheiro e Gal Cipreste, artistas interdisciplinares trans não-binárias que transitam por foto-escultura, cinema, educação e música. Todas as exposições contam com um QRCode através dos quais o público tem acesso a comentários e textos sobre o trabalho exposto, além de uma audiodescrição.

### **Galeria A1 – “Exumação em conversa”**

#### **Vídeo – 13 min.**

Neste trabalho, **Belinda Kazeem-Kaminski**, artista africana baseada em Viena, na Áustria, pensa a negritude quando o colonialismo raramente é discutido e a história negra é mantida fora dos livros escolares; onde os negros são *“presos em um estado de extrema visibilidade e extrema invisibilidade”*. Quais formas de expressão artística são capazes de captar o sofrimento e a violência contra os negros sem reproduzi-los? A artista parte da pesquisa que Paul Schebesta, missionário e etnólogo austro-tcheco (1887-1967), realizou no antigo Congo Belga (atual República Democrática do Congo) no início do século XX. A partir dessas imagens, a artista performa um diálogo com as pessoas fotografadas sobre as implicações do colonialismo. Apresentação de Ioana Mello.

### **Galeria B1 – GH – “Nenhum poder de pedra que estanque o jorro das gotas sedentas por ver o sol”**

A exposição, composta por 15 imagens de diferentes formatos, é resultado de um trabalho colaborativo em



Masina Pinheiro e Gal Cipreste

desenvolvimento desde 2019, entre **Masina Pinheiro e Gal Cipreste** em diálogo com o estilista Guto Carvalho Neto, que faz parte do projeto GH (Gal e Hiroshima, um entrelaçamento de duas autobiografias: a experiência do apedrejamento na infância sofrida por motivos ligados ao gênero, e a vivência de um corpo que transiciona diante de uma família religiosa e suas próprias ressignificações).

A partir de suas experiências pessoais, elas usam diferentes linguagens, mídias e colaborações para refletir sobre a existência de pessoas LGBTQIA+ que navegam entre gêneros. A dolorosa beleza desta obra ilustra um importante tema social – a luta cotidiana de uma comunidade – e se insere na história da representação de gênero. A série foi finalista do prêmio *Louis Roederer Discovery Award no Les Rencontres d'Arles 2022* e vencedora do 11º Prix Photo Aliança Francesa 2022. Apresentação de Ioana Mello.

### Galeria C1 – “*Mato adentro*”

A mostra apresenta trinta fotografias de diferentes formatos, num recorte da extensa documentação sobre o interior da Colômbia, produzida por **Federico Rios Escobar**, a partir de longas e recorrentes incursões a diferentes regiões do país. Inicialmente com foco na questão do conflito armado, as viagens do fotógrafo o levaram a observar outros temas, como a dificuldade de conexão e transporte fora dos grandes centros urbanos, a questão do meio ambiente, e, ainda, sobre relações de gênero nesses espaços em disputa. A curadoria é de Erika Tambke.



Federico Rios Escobar

### Galeria D1 – “*Peixe Grande*”

Trata-se de um trabalho autobiográfico do iraniano **Morteza Niknahad** sobre a depressão da sua mãe. Como é a vida de uma família quando a matriarca vive anos em depressão? O artista retrata a invisibilidade

dessa história através da sua própria vivência, arquivos familiares e diálogos. Os retratos posados, escuros, dessa família marcada por mais de 20 anos de depressão, são ainda mais distorcidos pela presença eminente de um peixe. O “monstro” está ferido e domesticado, mas continua presente entre a mãe e os membros da família, criando uma distância e uma estranheza. Através de sua história íntima, Morteza traz a tona problemas contemporâneos em relação a doenças mentais, patriarcado e invisibilidade da mulher. Curadoria de Ioana Mello.



Morteza Niknahad

### Galeria E1 – “*Pontes sobre Abismos*”

**Aline Motta** exhibe um projeto sobre a sua família, “*mas que poderia ser sobre a família de qualquer pessoa*”, afirma. Nele, ela estabelece pontes para atravessar abismos. Pontes de palavras e imagens, pontes de busca por entendimento. Pontes sobre o Atlântico, ao

encontro de gerações passadas e das suas raízes africanas. Apresentação de Marina S. Alves.



Aline Motta

### Galeria F1 – “De frente”

Trabalho da artista francesa **Camille Gharbi** que analisa a violência doméstica por meio de sua expressão mais extrema: o feminicídio conjugal. Para dar conta da complexidade do tema, Gharbi, opta por se distanciar de imagens espetaculares, e mostra que objetos corriqueiros, pessoas comuns e lugares ordinários transbordam além de seu significado imagético.

De 2019 a 2022 a artista transitou entre a fotografia documental, a arte visual e a escuta. Em “*Provas de amor*”, “*Os monstros não existem*” e “*Um quarto só seu*”, exhibe três vieses que mostram a banalidade que se destaca da violência desses assassinatos, e escancara a brutalidade e a injustiça do mundo contemporâneo. A curadoria é de Iona Mello.



Camille Gharbi

O FotoRio – Encontro Internacional de Fotografia do Rio de Janeiro – tem a coordenação de Erika Tambke, Ioana Mello, Marina Alves, Milton Guran, Paulo Marcos de Mendonça Lima e Thomas Valentin. Patrocinado pelo Itaú, conta ainda com o apoio do Consulado Geral de França e do Institut Français.

### SERVIÇO

#### Exposição FotoRio 20 anos

Até 15 de outubro

CCJF – Centro Cultural Justiça Federal

Av. Rio Branco, 241, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3261-2550

Dias e horários: terça a domingo, de 11h às 19h



## ESTRANHA FORMA DE VIDA, de Pedro Almodóvar, estreia dia 14 nos cinemas

*Estrelado por Pedro Pascal e Ethan Hawke, o novo média-metragem que encantou e atraiu multidões no Festival de Cannes 2023 estreia em 14 de setembro; mais um lançamento MUBI e O2 Play no Brasil*

Dirigido por Almodóvar (*Mães Paralelas*, *Tudo Sobre Minha Mãe*) e produzido por El Deseo, *Estranha forma de vida* é estrelado por Pedro Pascal (*The Last of Us*, *O Mandaloriano*) e Ethan Hawke (*Fé Corrompida*, *Trilogia Before*) e Manu Rios (*Elite*).

A história de dois pistoleiros que se reencontram após 25 anos foi filmada no deserto de Tabernas, província de Almeria, na Espanha. A produção tem trilha sonora de Alberto Iglesias e figurinos da Saint Laurent por Anthony Vaccarello, também produtor associado do projeto. O elenco inclui os jovens talentos Jason Fernández, José Condessa, George Steane, além de Pedro Casablanc e Sara Sálamo.

No filme, depois de 25 anos separados, o rancheiro Silva (Pedro Pascal) cavalga pelo deserto para visitar seu velho amigo Jake (Ethan Hawke), o xerife de Bitter Creek. O que vem a seguir é uma tarde de intimidade compartilhada, reconciliação e lembranças. No entanto, no dia seguinte, a revelação da conexão dos dois homens com um crime local sugere que há mais no encontro deles do que apenas uma viagem pela estrada da memória.

MUBI é a maior comunidade de amantes do cinema do mundo, disponível em 190 países, com mais de 12 milhões de membros. Em janeiro de 2022, adquiriu a *Match Factory Productions*.

# Columbia Road: esplendor de sensações

Texto e fotos: Maria Hermínia Donato



Quando pensamos em mercado, pensamos em comida. Borough, Maltby, Broadway, Spitalfields, Victoria Park e os farmers' markets (todos em Londres) são mercados que visito e recomendo. São verdadeiros paraísos gourmet! Hoje, depois de uma véspera com chuva torrencial, aproveitei o sol e saí em busca de flores.

Aos domingos, a Columbia Road – uma rua singela no bairro de Shoreditch, Hackney, leste de Londres – se transforma em um delírio multicolorido, com flores, gente e música.

### UM LUGAR QUE FAZ HISTÓRIA

O corredor estreito, formado por fileiras de barracas com rosas vermelhas, hortênsias cor-de-rosa, azuis, brancas ou bordô, amores-perfeitos roxos e azuis, uma grande extensão de girassóis (como nos campos de Van Gogh), orquídeas coloridas e exóticas, se transforma numa verdadeira cena teatral, com os vendedores do mercado anunciando ofertas e incentivando os visitantes a comprarem seus produtos.

A atmosfera é de festa: moradores locais, jardineiros amadores, paisagistas, crianças e cachorros navegam pela rua, em busca de flores frescas para enfeitar suas casas. Os turistas tiram selfies para seus Instagrams em frente às barracas, atraídos pela estética do lugar.

### TRANSFORMAÇÕES

No século 19, antes da filantropa britânica Angela Burdett-Coutts injetar dinheiro na regeneração da área, Columbia Road e suas adjacências formavam um bairro pobre, repleto de doenças, subnutrição e péssimas



moradias. Influenciada por uma sugestão de seu amigo Charles Dickens, Burdett-Coutts começa um projeto de reabilitação da área, que proporcionava emprego, casas e um local onde os habitantes pudessem comprar alimentos nutritivos.

Assim, em 1869, foi inaugurado o *Columbia Market*, um mercado repleto de gêneros alimentícios. Era uma obra-prima gótica, com estrutura semelhante à de uma catedral, concebida pelo arquiteto Henry Darbishire,



com 400 barracas e apartamentos acima do mercado, para os comerciantes morarem. Burdett-Coutts herdou sua fortuna de seu avô, o fundador do banco Coutts & Co. Aos 23 anos era a mulher mais rica da Inglaterra, depois de receber uma herança de 1,8 milhões de libras.

Apesar das boas intenções de Burdett-Coutt, o Columbia Market não estava destinado ao sucesso. Não era popular na comunidade local como mercado de frutas e verduras; a pouca conexão de transporte e a concorrência de mercados mais estabelecidos em Londres contribuíram para o seu fechamento, em 1886. As vendas passaram para a rua e o mercado, que funcionava aos sábados, passou a funcionar aos domingos, atendendo às necessidades dos comerciantes locais, na maioria judeus.

### **A LUTA PARA DEFENDER O COMÉRCIO TRADICIONAL**

Nos anos 1970, a área entrou em declínio; a demolição das lojas e o fechamento do mercado foram planejados pela administração do bairro, mas os moradores locais reagiram e, nos anos 1980, o mercado cresceu e adquiriu renome internacional.

Columbia Road continua sendo uma das poucas ruas com lojas comerciais independentes, com um comércio criativo e diferenciado.

Voltando às flores, quase todos os comerciantes trabalham no mercado por muitos e muitos anos. Você vê a camaradagem entre eles, que cria uma atmosfera positiva e contribui para a popularidade do mercado. Os preços não são altos e o melhor horário para um bom custo-benefício é por volta das duas da tarde; afinal, o mercado acaba às três e as flores precisam ser vendidas. Agora, se você quer ver o mercado quase vazio, chegue cedo.

Columbia Road é um lugar bastante único; são 60 varejistas independentes, cafés, padarias, delicatessens, lojas vintage, lojas de jardinagem, pubs e restaurantes. Um programa para o dia todo!

### **ONDE ENCONTRAR UM POUCO DE TUDO EM COLUMBIA ROAD**

Se você quiser comprar aquele prato ou xícara do aparelho de jantar inglês, a taça de champanhe ou o copo de vinho que quebrou, visite **Vintage Heaven** e **Glitterati**.

Já **Pot Luck** e **The Red Mud Hut** são ideais para garimpar cachepôs, potes e vasos de diversos formatos, cores e tamanhos.

**Ishtar** tem um conceito diferenciado; através de parceiros, vendem artesanatos e viagens para países considerados *off-limits*, como o Afeganistão, o Iêmen, Mali e Iraque. Os produtos são comprados de ONGs, para que parte do dinheiro seja investido nas comunidades. Tapetes, trabalhos em madeira, artigos de vidro, têxteis e jóias são preservados, para não serem perdidos para sempre. Vale a pena uma visita.

**Angela Flanders** é um paraíso de cheiros, velas, perfumes e sprays para casa, apresentados como num *parlour* vitoriano.

**Nôm** oferece peças de cerâmica, esculturas, cestos e lenços, todos procedentes de lugares da Ásia. Colenimo tem roupas femininas incríveis e acessórios que criam um look minimalista, com tendência japonesa.

Em **H. M. Jones** pode-se encontrar peças antigas e vintage, selecionadas pelo bom gosto e pela excentricidade do dono.

E ainda tem a **We are Arrow**, com suas joias simples e caras. Os jovens agora estão se casando e, nesse dia, a loja estava repleta de casais escolhendo suas alianças.

**Harry Brand** tem de tudo, até meias engraçadas na vitrine. É uma loja onde você compra e não sabe por que. Conhece?

Na **Straw**, uma das minhas favoritas, as mercadorias se relacionam entre si, criando um ambiente que tem tudo a ver com flores, natureza e simplicidade.

Na **World of Echo**, o disco de vinil está de volta, pois existe um grande número de clientes que nunca se separaram de suas vitrolas.

A **Bob and Blossom** tem aquela fantasia de tule com cores pastéis, com que todas as meninas sonham. Tem



bichos de pelúcia, posters, camisetas, livros e até uma bolsa no formato do rosto de um urso (se não tivesse passado da minha data de validade, eu teria comprado!).

Na **Jump like Alice** tem o brinco, o colar, o chapéu, o chalé, a bolsa, o tapete e as almofadas que você procura. A gente até se perde ao entrar, sem saber para onde olhar primeiro.

Depois da maratona, olhando ou comprando flores, plantas, objetos, roupas, joias e perfumes, é preciso comer. E as opções são igualmente incríveis.

Tem a **Lupo's**, cuja especialidade são os bagels recheados de salmão defumado, salt beef (carne curada em salmoura) ou lagostim. Tem também o **Hermanos**, com um café maravilhoso. Vale a pena entrar na longa fila e esperar!

O **Laxeiro** é um restaurante espanhol que oferece bocadillos, croquetes e paella.

E o **Campania** é um italiano rústico e delicioso. Se você andar até o final do mercado, na Hackney Road, vai encontrar **A Portuguese Love Affair**, com um pastel de nata maravilhoso.

Se preferir um pub, pode escolher entre o **Birdcage** e o *Royal Oak*. E muito perto, na Hackney Road, encontrará o **Marksman**, incluído no guia Michelin.

Visitar o mercado Columbia Road é uma oportunidade para se deliciar com as cores, os aromas, a beleza da flora e mergulhar na cultura e comunidade local. Pode haver outros mercados de flores, mas nenhum se compara ao charme da Columbia Road em Londres.

#### SERVIÇO

Columbia Rd  
London, E2 7RG  
Domingo, das 8 às 3



O Columbia Market,  
construído pela filantropa  
Burdett-Coutts  
Ilustração de Frank Watkins para  
*The Illustrated London News* /  
Domínio público



Arte

Cultura

Gastronomia  
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra  
notícias boas*

**OXIGÊNIO**  
revista

Seus clientes  
ou sua empresa  
têm boas notícias  
para dar?

Então o lugar é aqui.

**ANUNCIE.**

Solicite nosso Mídia Kit.

[oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com)

(21) 3807-6497 / 97326-6868